

Nascido de uma virgem?



Paulo Neto

Nascido de uma virgem?

(Versão 7)

*“O que pode ser afirmado sem provas
também pode ser descartado sem provas.”*

(CHRISTOPHER HARRIS)

Paulo Neto

Copyright 2022 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://i.pinimg.com/564x/01/ca/f9/01caf9f7f889340ffdb0e9f92c9c9b6e.jpg>

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira

Diagramação:

Paulo Neto

site: <https://paulosnetos.net>

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, junho/2022.

Índice

Prefácio.....	4
Introdução.....	7
O “nascido de virgem” trata-se de uma crença mitológica antiga.....	10
Quando foi instituída a virgindade de Maria?.....	21
Análise da passagem de Mateus que diz “a virgem conceberá”.....	26
Conclusão.....	82
Referências bibliográficas.....	87
Dados biográficos do autor.....	91

Prefácio

Nesta obra, o autor Paulo Neto discorrerá sobre o mito que é o nascimento virginal de Jesus, através de Maria, devido uma má exegese de uma profecia no *Tanah* (Bíblia Hebraica), que, por sua vez, refletiu uma má tradução para a *Septuaginta* e gerou todo esta construção deste dogma, hoje defendido por boa parte dos cristãos mais dogmáticos.

Com isso, o autor irá nos abrilhantar com sua pesquisa em diversas fontes bibliográficas, a nos apresentar um embasamento razoável deste evento, asseverando que se trata realmente de um mito, trazendo comparações com outros mitos orientais e a tentativa dos autores dos Evangelhos em construir uma figura mítica de Jesus e sua concepção virginal, comparando-o com um semideus e em alguns momentos como a própria divindade.

Dizer que “biblicamente” Jesus nasceu de uma virgem, destoa de todo o conceito do *Tanah* que não

previu nenhum nascimento miraculoso do messias e nem mesmo a profecia se refere ao Messias Jesus, mas ao filho de Acaz, segundo a tradição judaica (Isaías 7,14; 8,8-10). Senão vejamos que a referência (Mateus 1,23; 25,1) está no grego o verbete παρθένος (parthenos) que quer dizer virgem, e que sua referência na *Septuaginta*, também no grego, está o mesmo termo que traz um significado de virgem. Entretanto, quando vamos ao hebraico, encontramos no *Tanah* עלמה (almah) que equivale a jovem.

Como podemos observar, o autor do evangelho se baseou no texto da *Septuaginta*, em grego, que era corrente ao período testamentário em que os cristãos utilizavam mais este texto grego, do que o hebraico, em que não se baseando no texto hebraico, acabou originando toda a celeuma do nascimento virginal de Jesus e que muitos se agarram a este sentido como sua tábua de salvação, mas que o texto original hebraico, não lhe dá o devido suporte. Após apontar esta falha de tradução e hermenêutica do texto, baseando numa boa exegese, desejamos aos estimados leitores uma boa

leitura nesta obra envolvente e marcante para àqueles que procuram a verdade dos fatos!

Thiago Toscano Ferrari

Técnico e Engenheiro Mecânico
Especialista em Gerenciamento de Projetos - PMI PMBok
Graduando de Teologia pela Escola de Exegese Bíblica - SP

Introdução

Um dos costumes comuns de nossos antepassados era colocar seus heróis como provindos de nascimentos sobrenaturais, cujas mães, invariavelmente, eram jovens virgens.

É uma ocorrência que se pode certificar na mitologia de povos da antiguidade, que falam de deuses que, em contato com virgens, geravam semideuses, os quais teriam, ao mesmo tempo, a condição de ser humano e divino, ou seja, eram vistos como semideuses.

Assim mulheres virgens sendo engravidadas por deuses, é algo que se via na mitologia antiga, o que poderá ser conferido em inúmeros autores estudiosos, pesquisadores e historiadores da cultura dos povos da antiguidade. Daremos exemplo de alguns deles, trazendo seus pensamentos e suas explicações que comprovam isso.

Há dois pontos que não poderemos deixar de

citá-los, porquanto, a maioria dos espíritas não os conhecem, já que não são dados ao estudo de temas bíblicos fora os mencionados em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, onde Allan Kardec (1804-1869) se concentrou na análise da moral contida nos Evangelhos, especialmente no Sermão da Montanha.

O primeiro ponto tem relação com os nomes citados nos títulos dos Evangelhos, que para muitos seriam os verdadeiros autores dos textos.

Entretanto, na atualidade, os exegetas têm questionado isso e muitos deles objetivamente já afirmam que os seus autores são pessoas totalmente desconhecidas.

Tema que examinamos em nosso ebook **Os Nomes nos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?**, disponível em nosso site (1).



O segundo ponto diz respeito a algumas supostas profecias que, constantemente, são citadas como se referissem a Jesus. A enorme surpresa que tivemos é que não são, eis a razão de falarmos

“supostas”. Sem exceção todas têm relação com o contexto temporal da época, nada para um futuro longínquo e algumas nem mesmo poderiam ser classificadas como profecias.

Em nossa pesquisa **Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?**, apresentamos várias fontes de forma a deixar bem clara essa questão (²).



O “nascer de virgem” trata-se de uma crença mitológica antiga

No tópico “Nascer de virgem fecundada por Deus foi um mito pagão bastante difundido em todo o mundo antigo anterior a Jesus”, do capítulo “III - O nascimento prodigioso de Jesus: uma narrativa mítica que se encontra em contradição com a maior parte do Novo Testamento”, do livro ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica: Como a Bíblia Foi Manipulada***, o autor Pepe Rodríguez esclarece:

Lendas pagãs deste género foram obviamente integradas na Bíblia, não só nos referidos relatos dos nascimentos de Sansão, de Samuel ou de João Batista, como, muito mais tarde, no relato do nascimento de Jesus. **Regra geral, desde tempos remotos, quando o personagem *anunciado* era de primeira ordem, a mãe era sempre fecundada por Deus, através de um procedimento milagroso que, fosse ele qual fosse, confirmava claramente o mito da concepção virginal.** Esta confirmação era particularmente patente na concepção dos deuses-Sol, uma categoria a

que, como veremos, pertence a figura de Jesus Cristo.

O caso dos hieróglifos tebanos que relatam a concepção do faraó Amenófis III (c. 1402-1364 a. C.) pode servir para exemplificar de maneira mais detalhada todo este processo. Conforme contam, **o deus Thot, como mensageiro dos deuses** (num papel equivalente ao de Mercúrio entre os Gregos, ou ao do anjo Gabriel nos Evangelhos), **anuncia à rainha virgem Mutemuia** – esposa do faraó Tutmósis IV – **que vai dar à luz um filho que será o futuro faraó Amenófis III**; acto contínuo, o deus Knef (uma representação do deus Amon, enquanto força criadora, ou Espírito de Deus, equivalente do Espírito Santo cristão) e a deusa Hator (representação da natureza e figura que presidia aos actos de magia) agarram ambos a rainha pelas mãos e **depositam dentro da sua boca o sinal de vida, uma cruz, que animará a futura criança**; finalmente, o deus Nouf (outra representação do deus-carneiro Amon, o senhor dos Céus, no seu papel de anjo que penetra na carne da virgem), adoptando o rosto de Tutmósis IV fecundará Mutemuia e, ainda sob o aspecto de Nouf, modelará o futuro faraó e o seu ka (corpo astral ou ponte de comunicação entre a alma e o corpo físico) no seu torno de oleiro. Este relato mítico egípcio, como todos os seus equivalentes pagãos, é indubitavelmente

mais barroco do que o cristão, mas no essencial este já está perfeitamente configurado naquele.

[...].

O relato escrito mais antigo que se conhece acerca deste mito é a lenda caldeia onde se narra a concepção do grande rei de Babilónia Gilgamesh (c. 2650 a. C.), filho da filha virgem do rei Sakharos. Apesar de encerrada por seu pai numa torre para evitar o oráculo ameaçador, **foi fecundada pelo deus supremo Shamash que chegou até ela sob a forma de raios do sol.** ⁽³⁾ (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

E, um pouco mais à frente, completa:

Todos os grandes personagens, tenham sido eles reis ou sábios – como, por exemplo, os gregos Pitágoras (c. 570-490 a.C.) ou Platão (c 417-347 a.C.) –, ou se tenham tornado o centro de alguma religião e acabado por ser **adorados como “filhos de Deus”** (Buda, Krishna, Confúcio e Lao Tsé) **foram mitificados pela posteridade como filhos de uma virgem.** Jesus, surgido muito depois, mas destinado a desempenhar um papel semelhante ao que os seus antecessores haviam desempenhado, não podia ter um estatuto inferior ao deles. **Desse modo, o budismo, o confucionismo, o**

tauísmo e o cristianismo, ficaram indelevelmente marcados pelo facto de terem sido fundados por um “filho do Céu”, encarnado através do acesso directo e sobrenatural de Deus ao ventre de uma virgem especialmente escolhida e apropriada. (4)

Acrescentamos Hans Küng (1928-2021), que em ***Credo: a Profissão de Fé Apostólica Explicada ao Homem Contemporâneo***, também nos traz informações interessantes:

[...] Na mitologia greco-helénica os deuses também contraem “matrimónios sagrados” com filhas de humanos, dos quais nascem filhos de deuses tais como Perseu e Herácles ou também figuras históricas como Homero, Platão, Alexandre, Augusto. **É impossível deixar de reparar no seguinte: a concepção virginal em si não é algo exclusivamente cristão!** A ideia de concepção virginal, é, pois, segundo a exegese actual, utilizada por ambos os evangelistas como **lenda ou saga “etiológica”**, com o objectivo de apresentar uma “justificação” (grego, “aitía”) para a existência do filho de Deus. [...] (5) (na antepenúltima linha, o grifo é do original)

Em ***Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e***

Significados, Edward Carpenter (1844-1929) traz curiosas observações, quanto ao tema; vejamos:

Mas quase mais notável que a crença mundial nos salvadores é a lenda igualmente difundida de que eles nasceram de Mães-Virgens. **Não há quase nenhum deus – como já tivemos a oportunidade de ver – que seja adorado como um benfeitor da humanidade nos quatro continentes, Europa, Ásia, África e América – que não tenha nascido de uma Virgem, ou pelo menos, de uma mãe que atribuísse a concepção não a um pai humano, mas sim ao céu.** E isso parece, à primeira vista, o mais surpreendente, porque acreditar em tal possibilidade é muito absurdo para nossa mente moderna. Tanto que, enquanto pareceria natural que tal lenda tivesse se espalhado espontaneamente em alguma parte incivilizada do mundo, achamos difícil entender como, nesse caso, teria se espalhado tão rapidamente por todas as partes, ou – se não se espalhou – como podemos explicar seu surgimento espontâneo em todas essas regiões. ⁽⁶⁾

Edward Carpenter lista também vinte e uma semelhanças de fatos ocorridos com Jesus que aparecem em histórias antigas de deuses, o que não deixa de ser algo surpreendente; vejamos o que ele

diz:

A história de Jesus, como vemos, tem muita semelhança com as histórias dos antigos deuses Sol e com o percurso atual do Sol nos céus – tantas coincidências, que não podem ser atribuídas à mera coincidência ou até mesmo a blasfêmias do Demônio! Vamos enumerar algumas delas. Há (1) **o nascimento da Virgem**; (2) o nascimento na manjedoura (caverna ou câmara subterrânea); e (3) em 25 de dezembro (logo depois do Solstício de Inverno). Há (4) a Estrela do Leste (Sírio) e (5) a chegada dos magos (os “Três Reis”); há (6) o Massacre dos Inocentes, e o voo para um país distante (dito também de Krishna e outros deuses Sol). Há os festivais da Igreja de (7) Candelária (2 de fevereiro), com procissões das velas para simbolizar a luz crescente; há (8) a Quaresma, ou a chegada da primavera; há o (9) dia de Páscoa (normalmente em 25 de março) para celebrar a travessia do Equador pelo Sol; e (10) simultaneamente a explosão de luzes no Sepulcro Sagrado em Jerusalém. Há (11) a Crucificação e a Morte do carneiro-deus, na sexta-feira santa, três dias antes da Páscoa; há (12) a prisão feita com pregos em uma árvore, (13) o túmulo vazio, (14) a Ressurreição (nos casos de Osíris. Attis e outros); há (15) os doze discípulos (os signos do Zodíaco); e (16) a traição de um dos doze.

Depois, há (17) o Dia do Meio do Verão, o dia 24 de junho, dedicado ao nascimento de João Batista, e correspondente ao dia de Natal; há as festas da (18) Assunção da Virgem (15 de agosto) e do (19) nascimento da *Virgem* (8 de setembro), correspondentes ao movimento do Sol por Virgem; há o conflito de Cristo e seus discípulos com os asterismos outonais, (20) a *Serpente* e o *Escorpião*; e finalmente há um fato curioso de que a Igreja (21) dedica o dia do Solstício de Inverno (quando qualquer um pode, naturalmente, duvidar do renascimento do Sol) a São Tomé, que duvidava que a Ressurreição fosse verdadeira! Algumas coincidências, mas não todas, estão em questão. Mas elas são suficientes, acredito eu, para provar – mesmo permitindo possíveis margens de erro – a verdade de nossa contenção geral. Entrar no paralelismo dos caminhos de Krishna, o deus Sol indiano, e Jesus demoraria muito tempo; porque, de fato, a semelhança é muito grande." Eu proponho, no entanto, ao final deste capítulo, que nos aprofundemos um pouco na festa cristã da Eucaristia, em parte por causa de sua relação com a derivação de rituais astronômicos e celebrações da Natureza já referidas, e em parte por causa da luz que a festa geralmente, seja ela cristã ou pagã, joga sobre as origens da Mágica Religiosa – um assunto que devo abordar no próximo capítulo. (7) (itálico do original)

E terminado essas citações, trazemos do livro ***A Vida Mística de Jesus***, de H. Spencer Lewis (1883-1939):

Posso acrescentar que nossos próprios registros de tradições antigas e escrituras sagradas **contêm muitas referências a movimentos religiosos da antiguidade, cujo grande líder era considerado “O Filho de Deus”**.

A Índia teve um grande número de Avatares ou Mensageiros Divinos, Encarnados por Concepção Divina, tendo dois deles levado o nome de “Chrishna”, ou “Chrishna o Salvador”. Consta que Chrishna **nasceu de uma virgem** casta chamada Devaki que, por sua pureza, fora escolhida para se tornar a mãe de Deus. Neste exemplo, encontramos a antiga história de uma virgem dando à luz um mensageiro de Deus divinamente concebido.

Buda foi considerado por todos os seus seguidores como *gerado por Deus* e nascido de uma virgem chamada Maya ou Maria. Nas antigas histórias sobre o nascimento do Buda, tais como são compreendidas por todos os orientais e como são encontradas em seus escritos sagrados muito anteriores à Era Cristã, vemos como o poder Divino, chamado o Espírito Santo, desceu sobre a **virgem Maya**. Na antiga versão chinesa dessa história, o *Espírito Santo* é chamado

Shing-Shin.

Os siameses tinham igualmente **um deus e salvador nascido de uma virgem** e que eles chamaram Codom. Nesta velha história, a bela e jovem virgem fora informada com antecedência de que se tornaria mãe de um grande mensageiro de Deus e, um dia, enquanto fazia seu período usual de meditação, concebeu através de raios de sol de natureza Divina. O menino nasceu e cresceu de maneira singular e notável, tornou-se um protegido da sabedoria e fez milagres.

Quando os primeiros europeus visitaram o Cabo Comorim, na extremidade sul da península do Industão, surpreenderam-se ao encontrar os naturais do lugar, que nunca haviam tido contato com as raças brancas, cultuando um Senhor e *Salvador* que **fora divinamente concebido e nascera de uma virgem.**

E quando os primeiros missionários jesuítas visitaram a China, escreveram em seus relatórios que haviam ficado consternados por encontrarem na religião pagã daquela terra a história de **um mestre redentor que nascera de uma virgem por concepção divina.** Ao que consta, esse deus havia nascido 3468 anos a.C. Lao-Tse, o famoso deus chinês, também nascera de uma virgem, de pele negra, sendo descrita como a bela e maravilhosa como o jaspe.

No Egito, bem antes do advento do cristianismo e muito antes do nascimento dos autores da Bíblia ou de qualquer doutrina concebida como cristã, **o povo egípcio já tivera vários mensageiros de Deus nascidos de virgens por Concepção Divina.** Hórus, segundo o sabiam todos os antigos egípcios, havia nascido da virgem Ísis, sendo sua Concepção e seu nascimento um dos três grandes mistérios ou doutrinas místicas da religião egípcia. Para eles, **todos os incidentes ligados à Concepção e ao nascimento de Hórus eram pintados, esculpados, adorados e cultuados como o são os incidentes da Concepção e do nascimento de Jesus pelos cristãos de hoje.** Outro deus egípcio, Ra, nascera de uma virgem. Examinei uma das paredes de um antigo templo na margem do Nilo, onde há um belo quadro esculpido representando **o deus Tot – o mensageiro de Deus – dizendo à jovem Rainha Mautmes que daria à luz um Divino Filho de Deus, que seria o rei e Redentor de seu povo.**

Ao nos voltarmos para a Pérsia descobrimos que Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido em plena inocência, pela concepção de uma virgem. Antigos entalhes e pinturas deste grande mensageiro mostram-no cercado por uma aura de luz que inundava o humilde local de seu nascimento. **Ciro, rei da Pérsia, também era tido como nascido de**

origem divina, e nos registros de seu tempo ele é chamado de *Cristo* ou *Filho ungido de Deus* e considerado mensageiro de Deus. ⁽⁸⁾

Portanto, com o dito por esses escritores se confirma o que falamos a respeito de ser comum atribuir-se a certos personagens heroicos o nascimento de uma virgem.

Finalizando, vejamos isto que o escritor J. H. Brennan disse em ***Vozes do Mundo Espiritual: A História Secreta do Contato com Espíritos Através dos Tempos:***

[...] Antes do dilúvio, a sociedade chinesa era um matriarcado primitivo, no qual o nascimento era considerado **um processo milagroso envolvendo apenas a mãe**. [...].
⁽⁹⁾

Exatamente, o que dizem ter acontecido com Maria de Nazaré, já que, segundo querem nos fazer crer, sua gravidez milagrosa não teve participação de nenhum ser humano do sexo oposto.

Quando foi instituída a virgindade de Maria?

Veremos se será possível determinar a partir de que época a Igreja Católica passou a defender que Maria de Nazaré teria sido virgem - antes, durante e, por mais estranho que possa parecer, até depois do parto.

Iniciaremos com a obra ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo***, onde James D. Tabor fala a respeito do início da crença na virgindade de Maria dentro da Igreja Católica:

[...] O ensinamento sobre a “virgindade perpétua” simplesmente não é encontrado no Novo Testamento e não faz parte dos primeiros credos cristãos. A primeira menção oficial a essa ideia só vem a partir de 374 d.C., com o teólogo cristão Epifânio. (3) A maior parte dos escritos cristãos primitivos anteriores ao século IV d.C. aceita naturalmente que os irmãos e irmãs de Jesus sejam filhos nascidos de José e Maria. ⁽¹⁰⁾

(3) **A ideia da virgindade perpétua de Maria foi afirmada no 2º Concílio de Constantinopla, em 553 d.C. e no Concílio de Latrão, em 649.** Embora seja uma parte do dogma católico solidamente estabelecida, nunca foi, no entanto, objeto de uma declaração de infalibilidade pela Igreja Católica Romana. ⁽¹¹⁾

Fato curioso é que se “*A maior parte dos escritos cristãos primitivos anteriores ao século IV d.C. aceita naturalmente que os irmãos e irmãs de Jesus sejam filhos nascidos de José e Maria*”, isso significa dizer que antes dessa data não havia a crença de Maria ter sido virgem, ou estamos extrapolando ao teor do texto?

O jornalista e escritor Carlos Orsi, que atua como editor-chefe da revista *Questão de Ciência*, em ***O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião***, explica no parágrafo inicial do capítulo “4 - O nascimento virgem”:

Partenogênese é o nome que se dá ao desenvolvimento de um ser vivo a partir de

um óvulo não fecundado. Para os cristãos que aceitam a virgindade de Maria, assim foi concebido Jesus: **o cânone do Concílio de Latrão, realizado no ano 649 em Roma, afirma explicitamente que a concepção no ventre de Maria ocorreu “sem sêmen”**. ⁽¹²⁾
⁽¹³⁾

Carlos Orsini citou como sua fonte o item 496 da obra **Catecismo da Igreja Católica**, na qual fomos conferir no tópico “A virgindade de Maria” do capítulo segundo “Creio em Jesus Cristo, Filho único de Deus”, da “Segunda Secção: A profissão da fé cristã”:



496. Desde as primeiras formulações da fé ⁽¹⁴⁾, **a Igreja confessou que** Jesus foi concebido unicamente pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, afirmando igualmente o aspecto corporal deste acontecimento: **Jesus foi concebido “absque semine, [...] ex Spiritu Sancto – do Espírito Santo, sem sêmen [de homem]”** ⁽¹⁵⁾. Os Santos Padres veem, na conceição virginal, o sinal de que foi verdadeiramente o

Filho de Deus que veio ao mundo numa humanidade como a nossa: [...].⁽¹⁶⁾

A base para se afirmar que foi “*sem sêmen*” é apontado o Cânon 3, do Concílio de Latrão (ano 649), portanto, corrobora a informação de James D. Tabor.

Um pouco à frente, Carlos Orsini questiona:

Se você é católico ou católica, não lhe resta escolha: **é artigo de fé que Maria se manteve virgem antes, durante e depois do parto.** ⁽¹⁷⁾ Mas e quanto aos 6,1 bilhões de seres humanos que não seguem a Igreja de Roma? ⁽¹⁸⁾ Há algum motivo para que aceitem essa alegação? ⁽¹⁹⁾

A base que ele toma para afirmar o dogma da virgindade perpétua de Maria está no item 499 de ***Catecismo da Igreja Católica***, do mesmo capítulo:

499. O aprofundamento da fé na maternidade virginal **levou a Igreja a confessar a virgindade real e perpétua de Maria** ⁽²⁰⁾, **mesmo no parto** do Filho de Deus feito homem ⁽²¹⁾. Com efeito, **o nascimento de Cristo** “não diminuiu, antes **consagrou a integridade virginal**” da sua Mãe ⁽²²⁾.

A Liturgia da Igreja celebra **Maria**

“Aeiparthenos” como a “sempre Virgem”

(²³) (²⁴)

Caro leitor, veja até onde vai a “lógica” dos teólogos para tentar manter a crença na virgindade perpétua de Maria, atropelando as leis biológicas, que, como todas leis divinas, são imutáveis, se aplicam ao processo de gestação de todos os seres humanos.

Análise da passagem de Mateus que diz “a virgem conceberá”

É importante inicialmente apresentarmos a percepção que temos do autor do Evangelho Segundo Mateus. Muito mais do que qualquer outro, a sua preocupação exagerada em “provar” que a vinda Jesus foi prevista por vários profetas, possivelmente por seu público-alvo ser os judeus.

Em ***O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião***, o autor Carlos Orsi esclarece-nos que:

Com a formação das primeiras comunidades cristãs, **as Escrituras Sagradas hebraicas passaram por uma transformação: textos que durante séculos tinham sido interpretados como se se tratasse do passado dos judeus foram transfigurados em profecia.** Quando o conjunto de textos sagrados israelita virou, nas mãos dos cristãos, o Velho Testamento, ele deixou de ser um livro de história e mitologia, uma obra sobre tempos idos –

ainda que rica em lições para o presente –, e passou a ser um livro de oráculos e portentos, uma obra sobre o futuro: um conjunto de prefigurações da vinda de Jesus.

Os Evangelhos estão repletos desse jogo, versos do “Velho Testamento” tirados de contexto e reinterpretados como sinais e predições da vinda do Salvador. [...]. (25)

Entendemos como um fato perfeitamente aceitável, em virtude desses fatores culturais, querer também atribuir a Jesus uma condição de nascimento sobrenatural e, como não poderia deixar de ser, nascido de uma virgem. O que não é natural é, ainda nos dias de hoje, procurar manter, a todo custo, essa visão ingênua, própria de historinhas para crianças.

Por outro lado, os teólogos sempre quiseram colocar o sexo como coisa pecaminosa, motivo pelo qual Jesus não poderia ter vindo de “forma impura”; não é mesmo? Com isso, de certa maneira, justificam o celibato sacerdotal, ou seja, os “santos” padres não poderiam praticar coisa considerada impura; razão pela qual lhes impediam de se casarem.

Outro fator, que provavelmente veio em apoio ao celibato, foi a questão da herança dos padres, que, se casados, não seria incorporada ao patrimônio da instituição religiosa da qual faziam parte, já que teria que ficar com os familiares. Bom; mas isso é uma outra questão; assim, voltemos ao assunto central do texto.

Sempre dissemos que, por ser Jesus o primogênito, evidentemente, e pelo contexto cultural da época, já que viviam numa sociedade extremamente machista, Maria, ao se casar com José, era indubitavelmente virgem; assim, nesse sentido, podemos simbolicamente considerar Jesus como nascido de uma virgem.

Outra coisa que sempre falávamos é quanto à questão do sexo ser impuro, apoiando-se em textos bíblicos. Não admitimos essa hipótese de forma alguma, já que foi Deus que fez o ser humano em duas polaridades; a masculina e a feminina, com órgãos sexuais diferentes.

Pensamos que, se o sexo for realmente “pecado”, devemos convir que Deus não foi muito

justo conosco, pois, além de o conceber de forma a haver “atração fatal” entre os dois sexos – homem e mulher –, ainda por cima coloca prazer no ato sexual; mas de “espada em punho” diz: Se fizer é pecado ou é coisa impura.

Absurdo teológico, que encontra campo fértil somente em cabeça de fanáticos, não na de pessoas dadas a utilizar a inteligência, de que Deus dotou a raça humana.

Vejamos os argumentos de Carlos Torres Pastorino (1910-1980) constante de **Sabedoria do Evangelho - Vol. 1**:

A IMPOSIÇÃO DIVINA do uso do sexo para manutenção e multiplicação de Sua criação, nos diversos estágios evolutivos (plantas, animais e homens) vem provar que o sexo é SANTO. Não podemos admitir que Deus, Sábio e Bom, tivesse imposto obrigatoriamente as Suas criaturas uma condição que, ao cumpri-la, as tornasse imperfeitas. Se no ato sexual houvesse uma leve imperfeição sequer, ou um sinal de atraso espiritual, esse Deus seria monstruosamente mau, pois teria obrigado Sua criação a ser imperfeita e atrasada, a fim de manter e multiplicar Suas obras. Portanto,

compreendendo o ato sexual em si e a maternidade como perfeições altamente espiritualizantes (porque são o cumprimento de uma Lei Divina), achamos que Maria se engrandece perante Deus com a maternidade normal, porque assim dá demonstração de ser fiel e obediente cumpridora da Vontade Divina. Compreendendo bem esse problema, o jesuíta padre Teilhard de Chardin atribui à sexualidade um sentido cósmico e afirma que o mundo não se diviniza por supressões, mas por sublimação, e ainda: que o homem e a mulher tanto mais se unirão a Deus, quanto mais se amarem, não vendo apenas o objetivo admirável mas transitório da reprodução, mas o de dar plena expansão à quantidade do amor, liberado do dever da reprodução. E diz claramente, sem subterfúgios: a mulher é, para o homem, o termo susceptível de impulsionar esse progresso para a frente. Pela mulher, e só pela mulher, pode o homem escapar ao isolamento, no qual sua própria perfeição se arriscaria prendê-lo. (*L'énergie humaine*, édition Seujl, pág. 93 a 96). Realmente a união sexual dentro do amor é a imagem mais fiel da união do homem com a Divindade, e por isso os místicos denominam essa unificação do homem com Deus de Esponsalício.

Na profecia de Isaías, o menino seria chamado **אבן חַמָּן** Himmanu-El, que significa

Deus conosco, exprimindo a grande verdade de que Deus **ESTA REALMENTE DENTRO DE NÓS**, está **CONOSCO**. (26)

Se sexo fosse mesmo pecado, então Deus, de antemão, condenou Adão e Eva a pecar, e por consequência toda a humanidade, quando teria dito ao suposto primeiro casal: “*Crescei-vos e multiplicai-vos!*” (Gênesis 1,22.28).

Se a mulher só “... **será salva pela sua maternidade**, desde que permaneça com modéstia na fé, no amor e na santidade” (1 Timóteo 2,15), então ficamos em um grande impasse, pois, considerando a época de Paulo, não havia como ser mãe sem fazer sexo.

Em ***O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião***, Carlos Orsi, explica o seguinte:

Sendo o mais antigo dos Evangelhos – e, portanto, o mais próximo, ao menos cronologicamente, das testemunhas reais dos eventos –, **é notável que Marcos não mencione nada sobre o nascimento ou a infância de Jesus.**

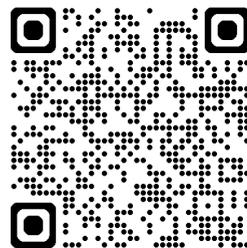
Mais notável ainda é que a “mãe de Jesus” que aparece no capítulo 3 de Marcos certamente não é a mesma Maria que ouviu a anunciação feita pelo anjo Gabriel, tal como descrita no Evangelho de Lucas. Lá, o mensageiro do céu avisa que ela conceberá uma criança que seria chamada, no devido tempo, de “filho do Altíssimo, e o Senhor Deus dar-lhe-á o trono de seu ancestral Davi”. (A questão da ancestralidade de Jesus também é interessante, e trataremos brevemente dela.)

Nos primórdios do cristianismo, alguns comentaristas levantaram a hipótese de que Maria teria sido fecundada pelas palavras do anjo, com a semente masculina entrando, de alguma forma, pelo ouvido. O tema às vezes aparece na arte sacra, com o pombo branco que representa o Espírito Santo sussurrando ao ouvido de Maria. A Maria de Marcos ou não recebeu esse aviso, ou se esqueceu dele. No mais antigo Evangelho, lemos que, logo depois de Jesus proclamar-se “Filho do Homem” – uma expressão retirada do livro profético (e totalmente fictício, tendo sido escrito séculos após os eventos que se propõe a narrar) de Daniel – e de passar a atrair multidões, sua mãe e seus irmãos acharam que ele estava louco e tentaram capturá-lo.

Aliás, o fato de que Jesus tinha irmãos – um dos quais, Tiago, viria a ser o primeiro

bispo de Jerusalém e o principal adversário teológico de Paulo **é aceito por praticamente todos os estudiosos que não se veem presos, por questões dogmáticas, à crença na virgindade e castidade perpétuas de Maria.** (27)

Portanto, se Jesus tinha outros irmãos, como acreditam grande parte dos estudiosos, certamente baseados nos textos bíblicos que os citam (28), não há como defender a virgindade de Maria, uma vez que essa é tirada apenas do nascimento de Jesus. Quanto a esse tema sugerimos nosso ebook **Jesus Teve Irmãos ou Não?** (29)



Por oportuno, veremos primeiro o trecho intitulado “A Anunciação”, constante do Evangelho Segundo Lucas:

Lucas 1,26-35: *“No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a **uma virgem desposada com um varão chamado José**, da casa de Davi; e o nome da virgem era **Maria**. Entrando onde ela estava, disse-lhe: ‘Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!’ Ela ficou*

*intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O Anjo, porém, acrescentou: 'Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim'. Maria, porém, disse ao Anjo: '**Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?**' O anjo lhe respondeu: 'O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus.'"*

De **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 2**, de autoria de Russell Norman Champlin (1933-2018), transcrevemos a seguinte explicação:

1:27: a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. (grifo do original)

"...a uma virgem desposada..." O fato de que a doutrina do nascimento virginal de Jesus evidentemente não fazia parte do primitivo *kerygma* (pregação) de certos

setores da igreja primitiva, especialmente aqueles representados nas epístolas de Paulo, nas epístolas universais, no livro de Atos e nos outros evangelhos, com exceção dos de Mateus e de Lucas, tem provocado sérias reflexões da parte de muitos eruditos. Entretanto, **é um erro supor que** tais passagens, como as de Luc. 2:27,33,41,43,48, **se por um lado apresentam José como pai de Jesus**, realmente **estão em contradição com o ousado pronunciamento do nascimento virginal de Jesus**, que a continuação da narrativa dá claramente a entender. Esse ensino fica implícito no comentário editorial sobre Luc. 3:23 (...como se cuidava...). Um antigo MS latino, b, omite o vs. 34; e alguns têm pensado que isso é que representa fielmente o evangelho original de Lucas; mas, mesmo assim, **o texto em geral apoia bem o ensino do nascimento virginal**. Alguns também sustentam, sem qualquer evidência textual, que o vs. 23 do cap. 3 também foi uma interpolação muito antiga. Mas no tocante a isso somos forçados a dizer que faltam evidências textuais em apoio a essa asseveração, da maneira mais absoluta, e somente um preconceito arraigado pode tentar arrancar do evangelho de Lucas a narrativa do nascimento virginal de Jesus. **A história do nascimento virginal certamente já circulava antes da escrita dos evangelhos de Mateus e de Lucas, e esses evangelhos meramente tiraram**

proveito de uma tradição verdadeira, incluindo-a entre os seus relatos.

A significação mais profunda dessa doutrina é de *natureza teológica*. Deus entrou na vida humana por intermédio de uma virgem pura, e o descendente dela é o Cristo. Lucas escreveu em contraste com o pano de fundo dos mestres cismáticos e heréticos do trecho de Atos 20:28-30. Os docetistas ensinavam contrariamente à autêntica humanidade de Cristo, e desde os tempos em que foram escritos os evangelhos de Mateus e Lucas, continuando até aos dias de Inácio e os autores do Credo dos Apóstolos, a doutrina do – nascimento virginal – de Jesus vinha sendo usada como resposta as hereges. E essa resposta é que Jesus foi verdadeiro homem, possuidor de humanidade autêntica e perfeita. Embora tendo nascido de uma virgem, convinha que Jesus “...em todas as cousas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas cousas referentes a Deus, e para fazer propiciação pelos pecados do povo” (Hebreus 2:17). Quanto aos pontos de vista diversos acerca dessa doutrina, [...].

A palavra grega *parthemos*, traduzida por “virgem” neste versículo, pela maioria das traduções, significa realmente virgem, tanto no grego clássico como no grego helenístico. Outros salientam com razão, entretanto, que pode significar meramente uma donzela ou

mulher jovem. Assim é que as traduções WM, GD e PH dizem “maiden”, “girl”. Não obstante, os contextos de Mat. 1:18-25 e de Lucas 1:27-2:7, ensinam inquestionavelmente a doutrina do nascimento virginal. Por conseguinte, quase todos os estudiosos, liberais ou conservadores, concordam em que o N.T., nessas passagens, ensina essa doutrina, embora nem por isso todos os eruditos creiam que essa tenha sido a verdade. Posto que se admite que os contextos nos evangelhos de Mateus e Lucas ensinam o nascimento virginal, todas as traduções teriam sido mais exatas se tivessem traduzido “virgem”, ao invés de “donzela” nesses trechos, sem importar o que a palavra possa significar em outros contextos.

Os argumentos referentes a essa doutrina são muitos e variegados, e preenchem muitas páginas de obras teológicas e outras, que tratam do N.T. ⁽³⁰⁾

Claramente se percebe que Russel N. Champlin ainda está um pouco apegado aos dogmas teológicos, mas a palavra “desposada” que também é a mesma usada pelos tradutores da *Bíblia de Jerusalém* contrasta com algumas outras que trazem “prometida em casamento”. Um pouco mais à frente veremos o que dizem vários outros especialistas a

respeito do nascimento virginal.

O texto bíblico que, geralmente, é utilizado como base para afirmar sobre a virgindade de Maria consta do Evangelho Segundo Mateus. Na sua transcrição, ampliamo-lo um pouco mais, pois temos uma importante consideração a fazer.

Na **Bíblia de Jerusalém** a passagem tem o título de “José assume a paternidade legal de Jesus”, cujo teor é:

Mateus 1,18-25: *“A origem de Jesus Cristo foi assim: **Maria**, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitassem, **achou-se grávida pelo Espírito Santo**. José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo. Enquanto assim decidia, eis que **o Anjo do Senhor manifestou-se a ele em sonho**, dizendo: **‘José, filho de Davi**, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados’. **Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta**: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de*

Emanuel, o que traduzido significa: 'Deus está conosco'. José, ao despertar do sono, agiu conforme o Anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu em casa sua mulher. **Mas não a conheceu até o dia em que ela deu à luz um filho.** E ele o chamou com o nome de Jesus.”

Veja bem, caro leitor, que no texto bíblico está se afirmando que José, o pai, é filho de Davi, para se estabelecer a ligação da criança como descendente do rei Davi. Ótimo isso, pois implica dizer que José é pai biológico de Jesus, porquanto, somente dessa maneira esse poderia ser descendente de Davi, a não ser que argumentem que o “Espírito Santo”, que creem ter fecundado Maria, seja também filho de Davi. Mas isso seria o máximo em apelação, não é mesmo?

Se tomarmos como correta a afirmação em Lucas que Maria “desposara” o varão José, da casa de Davi, não há vemos motivo algum que leve a crer que Jesus não tenha sido filho biológico dele. E, para não pairar dúvidas, quanto a Jesus ter nascido biologicamente de José, trazemos uma fala de Paulo aos romanos, quando, se referindo ao Mestre, disse:

“nascido da estirpe de Davi **segundo a carne,**” (Romanos 1,3). Portanto, admitir que Jesus não seja filho biológico de José está indo contrário ao que se deduz dos textos bíblicos; isso sem mencionarmos que não fere a lógica.

Maria Helena de Oliveira Tricca (1940-1997) em *Apócrifos I - Os proscritos da Bíblia*, cita a obra “A história de José o carpinteiro”, na qual lemos: “Assim José o Carpinteiro, **pai de Cristo segundo a carne**, abandonou esta vida mortal e viveu cento e doze anos.” ⁽³¹⁾, o que corrobora o dito por Paulo. Isso nos induz a concluir que àquela época não tinham Jesus como fruto de fecundação do Espírito Santo, mas um homem, nascido de homem.

Por outro lado, se for verdade que para os judeus “Ruah é **palavra** hebraica, **feminina**, que significa Espírito.” ⁽³²⁾, é pouco provável que a utilizassem para sustentar que Maria havia se engravidado de uma mulher.

Pode-se ver que em o capítulo “O Evangelho de Felipe”, inserido em **Apócrifos II - Os Proscritos da Bíblia**, consta exatamente isso:

17. Alguns dizem que Maria concebeu por obra do Espírito Santo. Esses se equivocam, não sabem o que dizem. Quando alguma vez uma mulher foi concebida de uma mulher? Maria é a virgem a quem Potência alguma jamais manchou. Ela é uma grande anátema para os judeus que são os apóstolos e os apostólicos. Esta Virgem que nenhuma Potência violou, [... enquanto que] as Potências se contaminaram. O Senhor não [teria] dito: “Pai meu que estás no céu”, se não tivesse outro pai; do contrário haveria dito simplesmente: “[Pai meu]”. ⁽³³⁾ (colchetes do original)

Ao que parece, alguns tradutores se prendem aos dogmas instituídos; como exemplo, citamos o Pe. Matos Soares, tradutor da ***Bíblia Sagrada Paulinas 1957***, de quem trazemos essa explicação para Mateus 1,16:

José, esposo de Maria. O Evangelista, descrevendo a genealogia de São José, conforma-se com **o costume hebraico de só atender aos homens nas tábuas genealógicas**. Todavia, dá-nos, ao mesmo tempo, a genealogia de Jesus, visto que **Maria era também descendente de Davi**. – *Da qual nasceu Jesus*. O Evangelista não diz que José gerou Jesus, pois o Salvador foi concebido no seio de Maria, por obra do

Espírito Santo. **São José não foi pai natural de Jesus**, mas somente pai legal, como verdadeiro e legítimo esposo de Maria. ⁽³⁴⁾

Nosso impasse está no seguinte: Ou Jesus é filho biológico de José, o que fazia dele o Messias esperado, ou é filho do “Espírito Santo” e não é o Messias.

Era de se esperar que a dogmática, querendo sair do impasse, tentasse justificar-se dizendo que Maria também era filha de Davi; entretanto, “*a emenda saiu pior que o soneto*” (Bocage³⁵), já que os judeus tinham a crença de que somente o homem é que dava a descendência; é por isso que todas as genealogias na Bíblia são traçadas em relação ao pai e não à mãe da pessoa.

Voltemos ao passo de Mateus, especificando os versículos que falam de uma virgem e a suposta profecia dizendo que Jesus, como Messias e filho de Davi, veio cumprir:

Mateus 1,22-23: *“Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta: Eis que **a virgem conceberá** e dará à luz um filho e o chamarão com o nome*

de Emanuel, o que traduzido significa: 'Deus está conosco'."

Profecia: **Isaías 7,14**: "Pois sabeis que o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que **a jovem** concebeu e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel".

Qualquer estudioso bíblico, não compromissado com alguma teologia, verá que esse passo de Isaías nada tem a ver com Jesus. Devemos, para melhor compreendê-lo, dizer que é preciso ler os versículos anteriores, iniciando pelo 10, porquanto são sempre subtraídos quando tentam apontar essa profecia:

Isaías 7,10-13: "**lahweh tornou a falar a Acáz**, dizendo-lhe: **Pede um sinal** a lahweh, teu Deus, ou nas profundezas do Xeol, ou nas alturas. Acáz, porém, respondeu: 'Não pedirei nada, não tentarei a lahweh. Então disse ele: Ouvi vós, casa de Davi! Parece-nos pouco o fatigardes os homens, e quereis fatigar também a meu Deus?'"

Estritamente dentro do contexto o sinal que Deus promete é ao rei Acáz, cuja mulher, uma jovem, estava grávida, fato que podemos confirmar nesta nota constante da **Bíblia Sagrada - Edição**

Pastoral:

O reino do Norte (Efraim), cujo rei era Faceia, se aliou a Rason, rei de Aram, numa tentativa de se libertar do perigo assírio. Como o reino do Sul (Judá) não participou da coalizão entre o reino do Norte e Aram, **estes dois temeram que Judá se tornasse aliado da Assíria; resolveram então atacar o reino do Sul, para destronar o rei Acaz e colocar no seu lugar o filho de Tabeel, rei de Tiro. Acaz teme o cerco e verifica a reserva de água da cidade. Isaías vai ao seu encontro e o tranquiliza, mostrando que não haverá perigo, pois continua válida a promessa de que a dinastia de Davi será perene, desde que se coloque total confiança em Javé. O sinal prometido a Acaz é o seu próprio filho, do qual a rainha (a jovem) está grávida.** Esse menino que está para nascer é o sinal de que Deus permanece no meio do seu povo (Emanuel = Deus conosco). ⁽³⁶⁾

Então, temos que, pelo contexto bíblico e confirmado por essa explicação, fica fácil perceber que Deus, na verdade, promete um sinal ao rei Acaz e esse sinal é o filho do rei que estava por nascer. Dar uma explicação fora disso é tentar distorcer a interpretação realista do texto.

Ademais, esse sinal é um fato presente e não algo para um futuro longínquo, ou seja, uma previsão; portanto, é agir fora do contexto, quando querem transformá-lo numa profecia a respeito de Jesus.

Além disso, temos, segundo os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, que “Jesus (hebraico Yehoshú’a) significa ‘lahweh salva’” (37); portanto, incontestavelmente, distinto de Emanuel que quer dizer “Deus está conosco” (38), exatamente o nome mencionado ao rei Acáz, o que a dogmática, cega pelo fanatismo, não consegue enxergar e, ao que parece, nem pretende.

Ampliando a explicação do verbete Emanuel, transcrevemos do ***Dicionário Bíblico Universal***:

É o nome dado por Isaías a uma futura criança cujo nascimento será, para o rei Acáz, o “sinal” da assistência divina (Is 7,14-17). A interpretação deste oráculo deve estar ligada ao significado do nome e ao alcance que terá na conjuntura daquele momento. O reino de Judá é ameaçado pelos sírios e efraimitas aliados, que querem acertar contas com a dinastia reinante, a mesma dinastia que se beneficia das

promessas feitas a Davi. Em vez de recorrer a essas promessas, Acaz apela para a Assíria. Isaías condena este modo de agir e proclama: Deus está presente; ele está “conosco”.

Qual será a criança cujo nascimento será portador de uma mensagem como esta? Como é ao rei, contemporâneo de Isaías, que o sinal será dado, **o nascimento anunciado deve ocorrer proximamente. Será Ezequias** – afirma-se muitas vezes, e com boas razões. Mas esta criança é descrita numa linguagem poético-mítica, concretamente irrealizável. O oráculo abre portanto uma perspectiva que vai além do rei em questão. Graças a este oráculo, os crentes, insatisfeitos com os reis históricos, esperarão por uma personagem que finalmente satisfará a esperança deles. Mateus e os cristãos posteriores a ele reconhecem em Jesus aquele que realiza plenamente o anúncio de Isaías (Mt 1,23). ⁽³⁹⁾

Confirma-se, portanto, que a suposta profecia não se refere mesmo a Jesus, conforme ficou bem claro na explicação acima.

Passar por cima do contexto histórico, ignorando as narrativas dos fatos, para aplicar ao que desejam, não é muito saudável, pois, a cada dia que se passa, a crítica literária vai revelando.

Não bastasse o que já apresentamos, há ainda um outro problema: é quanto ao significado da palavra hebraica **almah** usada em Isaías. Para os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* “O termo hebraico ‘*almah*’ designa, quer a donzela, quer uma jovem casada recentemente, sem explicitar mais.” (40)

O dogmatismo quer levar o significado de virgem para o sentido bem carnal implícito no termo, pois considera o sexo pecado e Jesus jamais poderia nascer por esse meio.

Para salvar a pátria, poderíamos fazer uma concessão tomando o termo virgem como relacionado à pureza, uma vez que Maria de Nazaré, possivelmente, foi um Espírito puro em missão na Terra.

Quanto a essa questão da tradução incorreta, vejamos estas outras explicações, nas seguintes obras:

1ª) ***A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia:***

O fato de os cristãos tomarem como própria a tradução da LXX e de a usarem nas

controvérsias com os judeus, conduziu a uma progressiva rejeição desta versão pelos judeus que acabaram substituindo-a por novas traduções mais fiéis ao texto rabínico. **Um exemplo típico de divergência entre o texto hebraico e o grego**, citado em todas as controvérsias entre judeus e cristãos é **Is 7,14, onde a LXX traduz o termo hebraico 'almâ, "jovem (casada ou recém-casada)", por *parthénos*, "virgem" em vez do mais apropriado *neânis***. Os judeus rejeitaram esta tradução da LXX, pois os cristãos viam nela uma profecia do nascimento virginal de Cristo (d. p. 621). ⁽⁴¹⁾

Por outro lado, um erro de leitura pode originar um novo texto considerado inspirado, embora isto não signifique que a doutrina exposta derive necessariamente do erro textual cometido. O caso mais chamativo é a citação em Mt 1,22 de, Is 7,14: "a virgem conceberá um filho". Não se trata, neste caso, de erro do copista, nem de tradução errada. **O que se produziu foi um deslocamento de significado. Os tradutores gregos entendiam perfeitamente o sentido da palavra hebraica 'almâ, traduzida por *parthénos* no sentido de "jovem" e não de "virgem". Os cristãos, que criam no nascimento misterioso de Cristo, interpretaram o texto de Is como profecia do nascimento "virginal" do Messias, atribuindo ao termo *parthénos* o significado de "virgem".** ⁽⁴²⁾

2ª) **Mentiras Fundamentais da Igreja Católica:**

Sustentar, como o faz a Igreja Católica, que *almah* de Isaías foi uma virgem implica persistir conscientemente num engano por motivos doutrinários interesseiros, sobretudo quando se sabe que as outras *almah* bíblicas foram corretamente traduzidas por moçoilas, como pode-se ver na *almah* de Provérbios ⁽⁴³⁾ e nas *alamoth* do Cântico dos Cânticos ⁽⁴⁴⁾ que, obviamente, segundo se deduz pelo contexto, perderam a sua virgindade, respectivamente, na sequência do “rastro do homem” e da sua função no harém real.

Todas as versões independentes – ou, simplesmente, não católicas – da Bíblia traduziram a *almah* de Isaías por moçoila (ou por donzela) (38), o que não só é lógico, como coerente com a sequência do texto de Isaías. Aliás, este, no início do texto citado, concentra-se apenas no nome que seria dado à criança, ignorando totalmente a mãe, o que seria absurdo se se tratasse de uma virgem, que, permanecendo tal, estivesse prestes a dar à luz. [...].

(38) O versículo 14, tal como aparece traduzido na Bíblia católica de Nácar-Colunga, “Eis que a virgem grávida dá à luz um filho e lhe põe o nome de Emmanuel”,

não é uma tradução correcta do original, já que neste o que se diz é exactamente o seguinte: “Vês esta moçoila engravidada que vai dar à luz um filho. Seu filho chamar-se-á Emmanuel...” que tem um sentido descritivo absolutamente diferente, pois coloca o facto no presente, evitando, desse modo, qualquer especulação profética. ⁽⁴⁵⁾

3ª) **A Origem do Cristianismo:**

A referência à profecia de Isaías é também estropiada. A passagem citada encontra-se efetivamente no livro desse profeta (VII, 14), mas, no contexto, ela não anuncia a vinda do Messias. A palavra hebraica *alma* nessa passagem significa “mulher jovem”, e não “virgem”. E Isaías nada diz aí sobre o Messias: “Mas, antes que o menino saiba rejeitar o mal, e escolher o bem, o país do qual tu temes os dois reis será abandonado”. (*Isaías*, VII, 16). **Isaías não atribui nada de sobrenatural ao seu nascimento, ele prediz que a criança verá a luz em uma época que precede de sete séculos a data dos evangelhos e diz, aliás, que o hão de chamar de Emanuel.** Para eliminar esta contradição, Mateus pretende que um anjo visto em sonho por José lhe ordenou que desse ao menino o nome de Jesus, que quer dizer em hebreu “Deus Salvador”.

Portanto, nada neste capítulo pode servir para confirmar a historicidade de Jesus. Ao contrário, sua genealogia, a concepção imaculada, **a citação de Isaías**, o anjo que apareceu a José, **demonstram que Mateus procurou, bastante desajeitadamente aliás, juntar as profecias sobre o Messias, e os elementos dos cultos orientais**, o que nos permite discernir facilmente as partes constitutivas do mito de Jesus. ⁽⁴⁶⁾

4ª) **A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo:**

Mateus faz também referência a um antigo adágio do profeta Isaías: “eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel” - como se dissesse que a gravidez de Maria era a realização dessa profecia (Isaías 7:14. ⁽⁴⁷⁾). **Mas Isaías faz referência a uma criança que deveria nascer na sua própria época, no século VIII a.C., cujo nascimento seria um sinal para o rei Achaz, que então governava. A palavra hebraica (*almah*) que Mateus traduz por “virgem”, em sua versão grega, significa “jovem mulher” ou “donzela”, sem introduzir qualquer implicação miraculosa.** (21). A criança receberia o nome pouco comum de Emanuel, que significa “Deus conosco”, e Isaías garante ao rei Achaz que, antes que essa criança tenha

idade suficiente para distinguir “o bem do mal”, os assírios que ameaçavam Jerusalém e a Judeia seriam removidos da face da terra. Achaz não teria que esperar muito tempo. **Mateus infere que a profecia de Isaías foi “realizada” pelo miraculoso nascimento virgem de Jesus – o que claramente não é o sentido do texto original.**

(21) A tradução grega da Bíblia hebraica, conhecida como Septuaginta ou LXX, usou a palavra *parthenos* em Isaías 7:14. **Significa “virgem”, porém o sentido evidente do contexto não é o de uma mulher que engravida *sem nenhum homem*, mas de uma menina virgem que nunca fez sexo ficando grávida.** Este bebê singular não nasceria de uma mulher que já teve filhos, mas de uma que era virgem quando ficou grávida. Como Mateus escreveu em grego e está citando Isaías, ele também usa a palavra *parthenos*. **Quanto a Versão Revisada do Antigo Testamento foi publicada, em 1952, os tradutores empregaram corretamente o termo “jovem”, em vez do tradicional “virgem”, em Isaías 7:14.** A tradução foi denunciada por muitos cristãos fundamentalistas como uma tentativa comunista diabólica de solapar a fé no “nascimento virgem de Cristo”. ⁽⁴⁸⁾ (itálico do original)

5ª) **A Bíblia: Uma Biografia:**

Durante esses anos sombrios Isaías fora conformado pelo nascimento iminente de um bebê real, indício de que Deus ainda estava com a casa de Davi. **“Uma jovem (almah) está grávida e logo dará à luz um filho que se chamará Immanu-El (Deus-conosco)”** ⁽⁴⁹⁾ Seu nascimento seria ainda uma fonte de esperança, “uma grande luz”, para o traumatizado povo do norte, que “caminhava nas trevas” e na “profunda escuridão”. ⁽⁵⁰⁾ **Quando o bebê nasceu, foi de fato chamado Ezequias**, e Isaías imaginou toda a Assembleia Divina celebrando a criança real, que, como todos os reis davídicos, se tornaria uma pessoa divina e um membro do conselho celeste: no dia de sua coroação, ele seria chamado de “Conselheiro Admirável, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz!”. ⁽⁵¹⁾ ⁽⁵²⁾

6ª) **A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão:**

[...] Não há nenhuma evidência, a não ser nos tendenciosos escritos da Igreja surgidos depois, de que Jesus jamais tenha se considerado outra coisa a não ser um judeu entre judeus, buscando a realização do judaísmo – e, provavelmente, o retorno da soberania judaica no mundo

romano. Como muitos autores já observaram, as diferentes linhagens de profecias hebraicas que foram forçadas a coincidir com o ministério de Jesus revelam a defesa da doutrina cristã, e muitas vezes a má formação cultural dos autores dos Evangelhos.

Para moldar a vida de Jesus conforme as profecias do Velho Testamento, os autores dos evangelhos de Lucas e Mateus, por exemplo, insistem que Maria o concebeu virgem (*parthenos* em grego), em referência à versão em grego de Isaías 7,14. Infelizmente para os que gostam da ideia da virgindade de Maria, a palavra hebraica *almá* (para a qual *parthenos* é uma tradução errônea) significa simplesmente “mulher jovem”, sem qualquer implicação de virgindade. Parece quase certo que o dogma cristão do parto virgem, e boa parte da ansiedade resultante a respeito do sexo tenham resultado de uma tradução do original hebraico. (53)

Outro golpe contra a doutrina do parto virgem é que os outros evangelistas, Marcos e João, parecem não saber nada a respeito disso – embora ambos se mostrem perturbados com as acusações de ilegitimidade de Jesus. (54) Aparentemente, Paulo acredita que Jesus era filho de José e Maria, e refere que Jesus “nasceu da semente de Davi segundo a carne” (Romanos 1,3 – ou seja, José era seu pai), e

“nascido de mulher” (Gálatas 4,4 – significando que Jesus era realmente humano), sem referência alguma à virgindade de Maria. ⁽⁵⁵⁾. ⁽⁵⁶⁾

7ª) **O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião:**

Sinópticos

[...].

Se o nascimento em Belém teve por objetivo satisfazer a sede de profecia dos judeus convertidos ao cristianismo, **o nascimento a partir de uma virgem provavelmente entrou na história por pressão dos convertidos gentios e pagãos, que vinham de uma cultura na qual o intercuro entre deuses e mulheres era não só comum, como também esperado.** Não apenas semideuses mitológicos, como **Hércules e Aquiles, eram tradicionalmente vistos como filhos de deuses e mulheres mortais, mas também figuras históricas, como Alexandre Magno, César Augusto e até o filósofo Platão.**

A história, em Mateus, na qual José é advertido a não se assustar com a gravidez de Maria – que é mãe, mesmo se mantendo virgem –, assemelha-se a uma biografia de Platão, na qual Aristo, o “pai humano” do grande filósofo, tem uma visão do deus do Sol,

Apolo, e, por isso, mantém a mulher, Perictona, virgem até que ela dê à luz o filho da divindade.

Os cristãos-judeus talvez se dessem por satisfeitos por serem salvos por um mero descendente do rei Davi. Já os gregos e romanos não aceitariam salvação nenhuma, a menos que viesse pelas mãos do filho direto da divindade. Essa situação gera um dos paradoxos mais curiosos dos Evangelhos: **José é apresentado como descendente de Davi, o que parece satisfazer o critério judaico, mas ao fim e ao cabo ele não é o pai natural de Jesus.**

Perdido na tradução

O primeiro capítulo de Mateus (1:22-23) dá ainda a entender que **o nascimento do Messias de uma virgem cumpre uma profecia do Velho Testamento.**

22. Tudo isto aconteceu para se cumprir o que havia sido dito pelo Senhor, por meio do profeta:

23. Eis que a Virgem ficará grávida e dará à luz um filho. Ele será chamado pelo nome de Emanuel, que significa: Deus está conosco. ⁽⁵⁷⁾

Esse é mais um caso de apropriação indébita de passagens da Escritura judaica, como a suposta “profecia” de Miqueias sobre o nascimento de Jesus em Belém, mas com um agravante: o texto de Isaías (7:14-16) citado por Mateus não está apenas descontextualizado; ele está errado. O que Isaías realmente disse foi:

14. Pois bem, o próprio Senhor vos dará um sinal: a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe porá o nome de Emanuel.

15. Ele vai comer coalhada e mel até que saiba rejeitar o mal e escolher o bem.

16. Pois, antes que o menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra dos dois reis que te metem medo será arrasada. ⁽⁵⁸⁾

O profeta Isaías não diz, como quer Mateus, “uma virgem conceberá”, mas “a jovem concebeu”. A expressão “virgem conceberá” aparece na Septuaginta – uma versão em grego das Escrituras judaicas –, mas não no original hebraico, que usa a palavra equivalente a “mulher jovem” (não necessariamente “virgem”) e o verbo no presente. ⁽⁵⁹⁾

A fala original de Isaías também está longe de ser uma referência messiânica: o profeta dizia ao rei de Judá, Achaz – que na época da profecia, 734 AEC, estava sendo ameaçado por uma aliança militar entre Síria e Israel –, que o tempo entre uma mulher dar à luz e seu filho discernir o bem e o mal (possivelmente, aos 12 anos), ⁽⁶⁰⁾ é o mesmo tempo que para que a dupla de inimigos do reino fosse destruída por Yahweh. ⁽⁶¹⁾

Confirma-se, por várias fontes, que Isaías 7,14 não se trata mesmo de uma profecia que diz respeito a Jesus, mas de algo que aconteceu no século VIII a.C. que querem aplicar a Jesus, sem obedecer ao

contexto desse versículo bíblico além do problema da tradução.

Deixamos para citar por último a obra ***Sabedoria do Evangelho - Vol. 1*** de Pastorino, visto ele também apresentar algo que dissemos:

A profecia de Isaías afirma que uma virgem conceberá e dará à luz um filho. **O termo virgem merece ser estudado.**

Em hebraico há duas palavras: **betulân**, que especificava a virgindade como certa; e **almâh** que exprimia uma oposição, sem garanti-la. Ora, Isaías escreve exatamente **almâh**. E verificamos que, em Deut. 22:23, a noiva, e mesmo a esposa recém-casada era chamada **ne'arah betulâh**.

Em grego a palavra παρθένος exprime o mesmo: virgem, mas em sentido genérico tanto que as moças noivas e também as recém-casadas eram assim chamadas, e isso na própria Bíblia (cfe. Deut. 22:23; 1 Reis 1:2; Ester 2:3). Em todas essas passagens, a palavra **virgem** designa a moça que é dada a alguém para **deitar-se com ele**, supondo-se que se trata de uma virgem, isto é, de moça ainda não ligada pelo casamento a um homem.

A mesma designação é atribuída a Maria, demonstrando que, ao lhe ser dada como noiva, era virgem, o que é natural e normal.

No entanto, em nenhum local dos Evangelhos se diz, nem se supõe, que Maria continuou Virgem **depois**. Ela era virgem **quando concebeu**, o que de modo geral ocorre com todas as moças.

Esses nossos esclarecimentos não visam a diminuir o respeito e a veneração que todos temos pela Mãe Santíssima de Jesus, pois o fato da virgindade nenhuma importância apresenta diante da espiritualidade. ⁽⁶²⁾ (grifo do original)

Além de corroborar o que foi dito a respeito da palavra *almah*, apresenta, no penúltimo parágrafo, um argumento que confirma o que nós dissemos a respeito de como podemos considerar Jesus nascido de virgem.

Certamente, que uma tradução errada leva inevitavelmente a uma interpretação equivocada. Entretanto, algo bem mais curioso, que esse problema na tradução, em ***O Cristo dos Pagãos***, encontramos na cultura persa com Tom Harpur (1929-2017), ao citar Graves, quanto a uma profecia idêntica à de Jesus:

[...] Kersey Graves, no seu livro *The World's Sixteen Crucified Saviours*, cita **uma**

profecia de Zoroastro, divindade persa: **“Uma virgem deverá conceber e gerar um filho, e uma estrela deverá aparecer brilhando no meio-dia para indicar o acontecimento”**. Zoroastro disse aos seus seguidores: **“Quando virem a estrela, sigam-na até onde os levar. Adorem a criança misteriosa, oferecendo-lhe presentes** com profunda humildade. Ela é na realidade a Palavra Onipotente que criou o céu. Ela é na realidade o seu Senhor e Rei eterno”. (63)

Dessa fala de Graves temos mais alguns “graves” problemas, com os quais se estabelece uma semelhança desconcertante com fatos narrados a respeito de Jesus.

Vejam, que a profecia de Zoroastro dizia de uma estrela que deveria levar ao menino, o que Mateus narra (cap. 2), magos seguindo uma estrela que localizou Jesus, ao qual ofereceram presentes, como também previsto oferecer a Zoroastro.

Sobre estes presentes vejamos, em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica***, a seguinte explicação:

[...] ou os rituais como os efectuados na

Pérsia, já na época do rei Dario I (521-486 a.C.), mas que provavelmente remontam a muito antes, em que **os magos/sacerdotes ofereciam a Ahura-Mazda (o principal deus solar)** ⁽⁶⁴⁾ **os presentes de ouro, incenso e mirra** que aparecem citados em Mt 2,11. ⁽⁶⁵⁾

Ouro, incenso e mirra, tal e qual os magos ofereceram ao filho de Maria, conforme narrativa de Mateus (Mateus 2,11), certamente, utilizaram-se de uma profecia persa para aplicá-la a Jesus.

Geza Vermes (1924-2013), em seu livro **Natividade**, também trata da concepção virginal e da profecia de Isaías; leiamos:

A concepção virginal em Mateus e a profecia de Isaías

Até aqui, Mateus contou uma história desconcertante. A não ser pela alusão a algum tipo de envolvimento do **Espírito Santo, uma expressão para designar o poder através do qual Deus age no mundo**, o anjo do sonho não esclarece como Maria engravidou. O evangelista então intervém e lança uma nova luz sobre a questão valendo-se de uma profecia do Antigo Testamento, segundo a qual uma virgem virá a dar à luz o Salvador do povo

judeu. Na versão do Evangelho para as palavras de Isaías, diz a profecia: “Eis que a *Virgem* conceberá e dará à luz um filho que se chamará *Emanuel*, que significa 'Deus conosco'” (Isaías 7,14, em Mt 1,23).

Este é o primeiro texto bíblico apresentado como prova por Mateus em sua narrativa da infância. Em Lucas não há nenhum. Mas **esse testemunho profético**, cujo objetivo é anunciar uma gravidez milagrosa ou concepção virginal, **só é eficaz sob uma condição: ele funciona apenas se for seguida a versão da Septuaginta grega para Isaías 7,14, destinada a um público grecófono e interpretada como os leitores gregos o entenderiam**. Como se sabe, a forma que subsistiu do Evangelho de Mateus é a grega e, como tal, seu alvo era obviamente um público grego. Contudo, o público original para o qual a tradição da narrativa do nascimento de Jesus foi desenvolvida era de judeus palestinos e o idioma em que foi inicialmente transmitida seria o aramaico ou, possivelmente, o hebraico, *não* o grego. Também é evidente que para esses palestinos, em sua maioria judeus da Galileia, o texto de Isaías teria sido extraído da Bíblia hebraica, *não* da Septuaginta grega.

O que nos deixa em um verdadeiro dilema. Para aludir à mulher que virá a conceber e dar à luz um filho, Isaías 7,14 **em hebraico não se refere a uma *virgem*, ou**

***betulah* em hebraico, mas a uma *'almah*, isto é, “uma jovem mulher”:** termo neutro que não implica necessariamente virgindade. Por exemplo, no Cântico dos Cânticos 6,8 o termo “jovens mulheres” (*'alamot*) aparece em paralelo com “rainhas e concubinas”, que seguramente não são virgens. Ademais, é muito improvável que a *'almah* mencionada em Isaías 7, a jovem que no futuro próximo há de conceber e dar à luz um filho, seja virgem. O contexto sugere que ela já é casada, e esposa do então rei judeu, Acaz, ao fim do século VIII a.C.

Quando fala em *'almah*, o texto hebraico de Isaías em lugar algum especifica que ela ainda é virgem ou que está prevista uma concepção milagrosa de qualquer tipo. O sinal profético em Isaías 7,14, em hebraico, está não na condição virginal da mãe, mas no significado do nome que ela deverá dar a seu filho - “Emanuel” - sugerindo que o futuro príncipe, em conformidade com o bom augúrio expresso no nome, “Deus conosco” trará proteção divina aos habitantes de Jerusalém, naquela época sob ameaça de dois reis inimigos que sitiavam a cidade (ver Isaías 7,16). Considerando tudo isso, a conclusão a que se chega é que o relato semita subjacente à versão grega de Mateus que conhecemos de forma alguma poderia conter uma previsão da concepção *virginal* do Messias.

Como então esta noção entrou no

Evangelho da Infância, de Mateus? Por puro acidente, o tradutor da Septuaginta usou para o termo hebraico *'almah* de Isaías 7,14 a palavra grega *parthenos* (virgem), que, no entanto, pode também significar solteira ou mulher não-casada que não seja necessariamente virgem. O Mateus “grego” ou o editor grego do Mateus semita topou com essa tradução imprecisa e a adotou. Esse feliz achado permitiu-lhe apresentar a seus leitores de fala grega a concepção de Jesus como única e situada em posição muito superior a todas as outras concepções milagrosas do Antigo Testamento.

Existe uma prova incontestável de que uma proporção substancial do público visado pelo texto final de Mateus era composta por gregos, que não tinham conhecimento do hebraico. Em Mateus 1,23, o nome hebraico “Emanuel” na citação de Isaías é apresentado com uma tradução para explicar seu significado: “Deus conosco”. Como se sabe, o original hebraico de Isaías não inclui tal interpretação e, o que é mais importante, ela também não consta da tradução grega da Septuaginta. Os judeus da diáspora, para quem a Septuaginta foi produzida, supostamente deveriam saber o que significava Emanuel. O comentário grego a essa citação em Mateus – “que significa Deus conosco” – é obviamente criação do próprio evangelista, para auxiliar seus leitores gregos não-judeus. Assim, aplicada a Maria,

a profecia de Isaías em sua versão grega destinava-se a transmitir ao público grego da narrativa materna da infância que “Jesus-Emanuel” ou “o Messias-Filho de Deus” seria concebido através do Espírito Santo e milagrosamente gerado por Maria *na condição* de virgem.

O Mateus grego, conseqüentemente, afirma que a concepção virginal é demonstrada pela citação de Isaías. No entanto, o argumento do evangelista está invertido. Ele quer que seu leitor entenda que o evento representa o cumprimento da profecia; em outras palavras, que a concepção de Jesus por Maria ocorreu porque, de acordo com Isaías, assim estava predestinada por Deus. A verdade é bem o contrário: a ideia da “*parthenos* que concebe”, fornecida pela profecia, é que motivou a história. Foi o texto grego de Isaías 7,14 que proporcionou a Mateus uma fórmula surpreendente para exprimir o caráter milagroso do nascimento de Jesus, como o cumprimento de uma previsão das escrituras.

Repetindo pela última vez, a concepção virginal é uma extrapolação das palavras da Septuaginta, fazendo uso de material histórico, apresentada a, e compreendida por, leitores cristãos gentios helenistas do Evangelho de Mateus. A história do nascimento de Jesus, contada em aramaico ou hebraico e citando Isaías em hebraico, jamais poderia ter dado origem

a tal interpretação. Mas em grego, em combinação com a exegese literal do nome “Emanuel = Deus conosco” tornou-se a fonte da qual surgiu o conceito do Filho divino de mãe virgem. É preciso reiterar, mesmo que seja *ad nauseam*, que tal evolução somente foi possível em um meio cultural helenístico grecófono. Os antecedentes ideológicos da mitologia greco-romana e as lendas sobre a origem divina de figuras eminentes da época e de um passado recente (ver Capítulo 4) propiciaram um campo fértil para o crescimento do que viria a ser, no jargão teológico cristão, a *Cristologia*. Com o tempo, através de Paulo, de João e dos filosofantes Padres da Igreja gregos, essa ideia original evoluiu para a deificação de Jesus, Filho da Virgem grávida de Deus (*Theotokos*).

Também é possível contestar que a ideia da concepção virginal inferida no texto de Mateus, com seu uso da versão da Septuaginta para Isaías, era de origem cristã-gentia helenística, pela posição adotada pelo antigo cristianismo judaico sobre o assunto. Facetas importantes da doutrina desses cristãos-judeus, conhecidos como os ebionitas ou os Pobres, foram preservadas nos escritos dos apologistas da Igreja, que procuravam refutá-las. Sob a denominação de ebionitas, devemos entender comunidades cristãs-judaicas que, após sua separação da Igreja cristã-gentia central, provavelmente na virada do século I d.C.,

sobreviveram ainda por mais duzentos ou trezentos anos. Através do Padre da Igreja Irineu, do fim do século II, que foi bispo de Lião, e do historiador da Igreja Eusébio de Cesareia, do século IV, sabemos que os ebionitas rejeitavam a doutrina do nascimento virgem. **Eusébio deixa claro que, para eles, Jesus era “o filho de uma união normal entre um homem e Maria”** (*História Eclesiástica* 3,27). Irineu anteriormente havia argumentado, usando frases emprestadas do Novo Testamento, que os ebionitas “se recusavam a entender que o Espírito Santo havia vindo a Maria e que o poder do Altíssimo a havia envolvido com sua sombra” (*Contra as Heresias*, 5,1, 3). Ele explicava ainda que a fim de sustentar seus ensinamentos e “puxar o tapete” da ortodoxia cristã, os ebionitas defendiam a versão grega de Teodósio e Aquila como mais correta do que a Septuaginta, e substituíram o *parthenos* (virgem) desta última pelo termo *neanis* (jovem mulher) em sua tradução de Isaías 7,14 (*ibid.* 3,21, 1). Na opinião deles, a prova de que a Septuaginta não era confiável representava o fim da doutrina de Mateus e da Igreja cristã a respeito de concepção virginal.

Com efeito, a (*almah* do Isaías hebraico e o correspondente *neanis* de Aquila e Teodósio revelam a fragilidade da ideia do nascimento virgem, conforme concebida pelo Mateus grego. Sua adoção pelo evangelista

(ou por seu editor final) tornou inevitável a revisão da formulação direta da genealogia (A gerou B etc.), com vistas a excluir a paternidade de José; e tem também o efeito imprevisto de prejudicar a prova montada para autenticar a legitimidade de Jesus como Messias descendente direto de Davi, através de José. ⁽⁶⁶⁾

Em ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo***, o autor James D. Tabor, tece explicações interessantíssimas a respeito da virgindade de Maria, que não podemos deixar de transcrevê-las:

[...] É fácil imaginar que os cristãos primitivos acreditavam em Jesus e o queriam tão louvado e celestial quanto qualquer dos heróis e deuses gregos e romanos, e **se apropriaram dessa maneira de contar a história do seu nascimento como uma maneira de afirmar que Jesus era ao mesmo tempo humano e divino**. Os intérpretes modernos, que adotam essa abordagem para as histórias, afirmam habitualmente que José era provavelmente o pai, e que esses relatos sobrenaturais eram inventados pelos discípulos de Jesus para atribuir-lhe honras e promover seu status elevado de uma maneira comum a essa cultura. ⁽⁶⁷⁾

A própria disciplina dos historiadores os obriga a trabalhar dentro dos parâmetros de uma visão científica da realidade. **As mulheres nunca engravidam sem um homem.** Portanto, Jesus tinha um pai humano, quer consigamos identificá-lo, quer não. Os corpos mortos não ressuscitam – se considerados clinicamente mortos – como fora seguramente o caso de Jesus depois da crucificação romana e de três dias em uma tumba. Portanto, se a tumba estava vazia, **a conclusão histórica é simples – o corpo de Jesus fora removido por alguém e possivelmente sepultado em outro local.** Os historiadores podem se referir ao que foi dito por Paulo ou aos relatórios sobre as aparições que circulavam na altura em que os evangelhos foram escritos, mas **esses escritos, feitos décadas depois do acontecimento, testemunham mais o desenvolvimento das crenças teológicas do que o que teria acontecido.** Alguns estudiosos questionaram a veracidade histórica da própria história da tumba vazia, argumentando ter sido desenvolvida para sustentar a alegação teológica de que Jesus tinha sido ressuscitado dos mortos. **Mas dada a natureza apressada e temporária do sepultamento de Jesus, era de esperar que a tumba estivesse vazia.** Nunca houve a intenção de que Jesus permanecesse naquela tumba. A questão que se põe é: o que aconteceu com seu corpo? Onde e por quem poderia ter sido sepultado

permanentemente? A resposta mais curta é que não sabemos, e qualquer sugestão é especulativa. Mas temos, ainda assim, algumas pistas em nossas fontes que nos permitem reconstruir algumas possibilidades plausíveis.

Existem algumas histórias alternativas aos evangelhos do nosso Novo Testamento. Tertuliano, um autor cristão do século III, nos fala de uma polêmica em voga nessa época: o corpo de Jesus fora removido pelo jardineiro do cemitério, que temia ver suas plantas pisoteadas pelas multidões em visita à tumba. ⁽⁶⁸⁾ Em um antigo texto medieval chamado *Toledot Yeshu*, o jardineiro leva o corpo e o sepulta em um riacho próximo, temendo que os discípulos se antecipassem e levassem o corpo, alegando que ele havia sido ressuscitado dos mortos. Há um texto copta do século VI d.C. que até nos diz o nome do jardineiro, Filógenes. Nessa versão, o jardineiro planeja levar o corpo para sepultá-lo condignamente, mas, à meia-noite, quando fora buscá-lo, a tumba estava rodeada de anjos e ele testemunhara Jesus ressuscitando dos mortos. ⁽⁶⁹⁾ Todas essas histórias sobre um jardineiro parecem ser embelezamento ao evangelho de João, em que Maria de Madalena, confundindo Jesus com o jardineiro, ao encontrá-lo na tumba, pergunta-lhe: “Se foste tu que o tiraste, diz-me onde o puseste” (João 20:15). ⁽⁷⁰⁾

O que ainda não conseguimos entender é que em Paulo, autor dos primeiros escritos cristãos e em Marcos autor do primeiro Evangelho, não se vê nada sobre virgindade de Maria, foi justamente isso que Hans Küng constatou em ***Credo: a Profissão de Fé Apostólica Explicada ao Homem Contemporâneo***:

[...] Nas cartas de Paulo, os documentos mais antigos do Novo Testamento, **refere-se de forma lapidar, sem mencionar nomes, o nascimento de Jesus “de uma mulher” (Ggl 4,4), mas não de “uma virgem”** – com vista a acentuar a humanidade de Jesus.

O Evangelho mais antigo de **Marcos desconhece a história do nascimento** e prossegue logo, sem todos os sonhos, com João Baptista e com a vida pública de Jesus e com os seus ensinamentos, sobre os quais infelizmente não se encontra uma palavra no apostolado. [...]. ⁽⁷¹⁾

Deduz-se disso que, muito provavelmente, tais coisas foram acrescentadas por conta do desenvolvimento da mitificação de Jesus, para elevá-lo à condição de um deus.

Mais taxativo é o *“erudito Alfred Loisy,*

especialista em estudos bíblicos e historiador das religiões” (72), cuja fala, citada por Pepe Rodríguez, em **Mentiras Fundamentais da Igreja Católica**, transcrevemos:

“para afastar os relatos do nascimento milagroso e da concepção virginal, basta observar que foram ignorados por Marcos e por Paulo, e que entre o de Mateus e o de Lucas não há concordância, **apresentando ambos todas as características de uma pura invenção**” (73)

Na verdade, não há como não pensar na hipótese de tudo isso é invenção, visando o “endeusamento” de Jesus, para igualá-lo com certos heróis e deuses da antiguidade.

Resolvemos fazer um levantamento nas Bíblias para ver qual seria os termos utilizados por elas nos textos de Isaías e de Mateus:

Bíblias consultadas	Isaías 7,14	Mateus 1,23
01 - TEB	A jovem	A virgem
02 - De Jerusalém	A jovem	A virgem
03 - Do Peregrino	A jovem	A virgem
04 - Santuário	A jovem	A virgem

05 - Vozes	A jovem	A virgem
06 - Novo Mundo	Donzela	A virgem
07 - Ave-Maria	Uma virgem	A virgem
08 - Paulinas - Pe. Matos ⁽⁷⁴⁾	Uma virgem	A virgem
09 - SBB	Uma virgem	A virgem
10 - SBB (NTLH)	A jovem	A virgem
11 - Anotada	A virgem	A virgem
12 - Barsa	Uma virgem	Uma virgem
13 - Shedd	A virgem	A virgem
14 - SBTB	A virgem	A virgem
15 - King James	Uma virgem	Uma virgem

Em sete dessas quinze traduções, consta em Isaías “a *jovem/donzela*”, ou seja, 46,7%. Embora não seja a maioria é bem significativo e pouco produtora evocar para a tradução a palavra virgem, como se faz ao traduzirem Mateus. Aliás isso, conseqüentemente, prova a contradição em relação aos que traduziram Isaías como jovem/donzela.

Além disso, ainda temos a SBB com duas “traduções” para o mesmo verso, só que um adaptado à linguagem atual. Não será o caso de

constatar-se que os tradutores já estão chegando à conclusão de que a sociedade atual não está aceitando a “virgem” como estado físico, mas, sim, com a conotação de juventude?

Por outro lado, ainda teríamos que desconsiderar que, em Mateus 12,46 e Mateus 13,55-56, são mencionados os irmãos de Jesus; inclusive, nesse último passo, nomearam os homens – Tiago, José, Simão e Judas-; as mulheres não são quantificadas e nem nomeadas, demonstrando como a sociedade machista da época as tratava. Apesar disso, a dogmática ainda afirma que Maria foi virgem antes, durante e após o parto. Haja fé para acreditar nisso! Para confirmar o que estamos falando, transcrevemos as seguintes explicações em notas de rodapé nas Bíblias:

1) ***Bíblia Sagrada Barsa***:

Mt 2,25: *Enquanto* (ou *até que*) esta palavra portuguesa traduz o latim *donec* e o grego *heos ou*, que por sua vez estão calcados sobre a expressão hebraica *ad ki* que se refere ao tempo anterior a esse limite sem nada dizer do tempo posterior, cf. Gen 8,7; Sl 109,1; Mt 12,20; 1 Tim 4,13. A

tradução exata seria: “*sem que* ele a tivesse conhecido, deu à luz...” pois a nossa expressão *sem que* tem o mesmo valor. *Primogênito* quer dizer o nascido em *primeiro* lugar, mas **nada diz contra a virgindade perpétua de Maria** pois, na Bíblia, tem o valor de um termo técnico para significar aquele que deve ser oferecido a Deus e resgatado segundo a Lei (Ex 13,2; Num 18,15-17), que viesse a ser o filho mais velho que continuasse filho único. Exemplo frisante do uso do termo nesse sentido, se encontra no epitáfio de Arsino é que morreu “nas dores do parto do meu primogênito”. (75)

2) ***Bíblia Sagrada Paulinas 1980***:

Mt 1,25: Mateus afirma **a virgindade de Maria antes do parto**. Que ela **tenha permanecido virgem no parto e depois dele**, nós o sabemos pelos santos Padres e pela Igreja, e é verdade de fé católica, isto é, universalmente admitida, embora ainda não tenha sido definida solenemente. (76)

Lc 1,34-35: Maria, ciosa da sua virgindade, da qual fizera doação a Deus, pede explicações acerca do ministério da maternidade divina, anunciado pelo anjo. A resposta é que Deus realizará um estupendo milagre. Ela se tornará mãe por virtude do Espírito Santo e dará à luz o Filho de Deus encarnado, **conservando o privilégio da**

virgindade. ⁽⁷⁷⁾

Considerando a localização histórica do evento, é totalmente anticientífico se afirmar que Maria se manteve virgem “no parto e depois dele”.

O interessante é que, nessa última explicação, vão além do que se conhece de Maria para afirmar que ela tenha feito voto de castidade, e que, por algum ato milagroso, tenha, depois do parto, “*conservado o privilégio da virgindade*”.

Quanto à virgindade perpétua de Maria, trazemos estas duas explicações dos tradutores da ***Bíblia de Jerusalém***, que para facilitar transcreveremos os respectivos textos bíblicos às quais se referem:

1ª) Mateus 1,25: “*Mas não a conheceu até o dia em que ela deu à luz um filho.*”

O texto não considera o período ulterior e por si só **não afirma a virgindade perpétua de Maria**, mas o resto do Evangelho, bom como **a tradição da Igreja, a supõem**. [...].
⁽⁷⁸⁾

2ª) Lucas 1,34: “*Maria, porém, disse ao anjo: ‘Como é que vai ser isso, se eu não conheço*

homem algum?”

A “virgem” Maria é apenas noiva (v. 27) e não tem relações conjugais (sentido semítico de “conhecer”, cf. Gn 4,1 etc.). Este fato, que parece opor-se ao anúncio dos vv. 31-33, induz à explicação do v. 35. **Nada no texto impõe a ideia de um voto de virgindade.**
(79)

Então, temos, aqui, tradutores contra tradutores; não é fato?

Em relação ao suposto “*privilégio da virgindade*” é algo que nos soa bem estranho, pois, naquela época, a mulher que não gerasse filhos era abandonada pelo marido e desprezada pela sociedade.

Aqui temos a causa da crença na virgindade de Maria: “*a tradição da Igreja, a supõem*”. Talvez fosse mais realista dizer: “*a tradição da Igreja, apenas a supõem*”. O “apenas” define mais a verdade, nada mais temos a declarar.

Resta-nos um último ponto, que nos causou estranheza, em virtude da seguinte fala de Küng: “*uma das últimas profissões de fé (antes de Paulo)*”

reza o seguinte na introdução: *Jesus Cristo foi 'constituído Filho de Deus ao ressuscitar dos mortos' (Rm 1,4)".* (80)

Ora, se Jesus tornou-se “*Filho de Deus*” ao ressuscitar dos mortos, então qual o sentido de lhe atribuírem o nascimento como sendo por obra do Espírito Santo, que o fazia “*filho de Deus*”? Ou será que se tornou “*filho de Deus*” por ocasião do seu batismo (Mateus 3,17; Marcos 1,11; Lucas 3,22)? Ou, ainda, quando Moisés e Elias lhe apareceram no Monte Tabor (Mateus 17,5; Marcos 9,7; Lucas 9,35)?

Em ***O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião***, o jornalista Carlos Orsi, apresenta o seguinte argumento:

De qualquer forma, **a noção de que Maria, além de engravidar sem ter mantido contato carnal com o sexo oposto, permaneceu virgem durante e depois do parto parece ter se mostrado bastante popular nos séculos iniciais do desenvolvimento do pensamento cristão.** No chamado Protoevangelho de Tiago, datado de cerca de 160 EC, **temos não só o suposto relato da parteira chamada para**

ajudar a mulher de José a parir – e que não viu Jesus sair pelo canal vaginal, mas se materializar em uma nuvem luminosa –, mas temos também a descrição de um exame ginecológico realizado em Maria por uma mulher que duvidava de sua virgindade: “E Salomé introduziu seu dedo, e gritou, e disse: ‘Infeliz sou eu por minha iniquidade e minha descrença, porque tentei o Deus vivo; e vede, minha mão cai como se queimada pelo fogo.’” ⁽⁸¹⁾ Um anjo então aparece e diz a Salomé que, se ela pegar o bebê Jesus no colo, sua mão será restaurada. O que se cumpre em seguida.

Embora esse protoevangelho não seja considerado canônico, é nele que aparecem pela primeira vez – ao menos, em registro escrito – algumas tradições acatadas por várias denominações cristãs, como **o nome dos avós maternos de Jesus, Ana e Joaquim.** ⁽⁸²⁾

Inventou-se uma história para promover a crença na virgindade de Maria ou ocorreu o contrário, ou seja, a partir da crença engendrou-se uma “bela” narrativa para justificá-la?

E, para finalizar, traremos o pesquisador espírito Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013) que, em ***Cristianismo: a Mensagem Esquecida***,

no capítulo “Aspectos históricos específicos”, no tópico “VIII. Resumo e conclusões” apresenta oito itens dos quais destacamos os seguintes:

* Há objeções muito sérias à informação de que **Jesus** tenha nascido em Belém. Ao que tudo indica, **nasceu em Nazaré**, ou, pelo menos, nas suas imediações, na Galileia, e não na Judeia, onde fica Belém.

* **As genealogias preparadas para convencer o leitor da ascendência davídica de Jesus são conflitantes e irreconciliáveis.** Além do mais, chocam-se frontalmente com o conceito do nascimento virginal, também interpretado como condição messiânica. **Se José não é o pai de Jesus, para que traçar-lhe a genealogia?**

* **A ideia da concepção e a do nascimento virginais são acomodações posteriores e foram incompetentemente introduzidas no texto**, forçando-o a dizer, em alguns versículos, o que outros contradizem, explícita e implicitamente.

* **A anunciação pode ter ocorrido**, em face de fenômenos semelhantes em todos os tempos, remotos e modernos, dos quais Antigo e Novo Testamentos dão testemunho, **mas se torna inexplicável ante o procedimento da família de Jesus, durante a sua vida.**

* **São inquestionáveis e bem**

documentadas as evidências textuais que Jesus tenha sido filho de José e Maria e de que teve irmãos de sangue, sendo ele, provavelmente, o mais velho (primogênito).
(⁸³)

Há convergência de todos esses itens com o que apresentamos de variadas fontes, fato esse que julgamos importante, pois coloca os espíritas diante de um quadro que pouco conhecem.

Conclusão

Vejamos este texto de Lázaro Luiz Trindade Freire, psicanalista, escritor e filósofo brasileiro, disponível na Internet no site ***Voadores - Somos Todos Um Só:***

Conhecem Essa História?

Havia um mestre que, dizem, teria sido gerado por uma virgem. Nascido de descendentes dos reis legítimos ⁽⁸⁴⁾, em um período em que seu país encontrava-se na mão de usurpadores, nem um pouco ligados às tradições religiosas ou ao bem do povo.

O nome pelo qual passou a ser conhecido no Ocidente, embora na verdade falado em outra língua, lembra a sonoridade do conceito grego de Christos, ou os radicais presentes no “Espírito Crístico”.

Várias profecias indicavam que este menino poderia vir a ser o Rei.

Alguns achavam que isso se daria no sentido religioso. Mas outros, no sentido político ⁽⁸⁵⁾.

As pessoas esperavam d’Ele um salvador. Afinal, esta seria uma encarnação ⁽⁸⁶⁾ do

segundo aspecto ⁽⁸⁷⁾ de Deus, que é um só ⁽⁸⁸⁾, mas se divide em três pessoas ⁽⁸⁹⁾.

Diz a história que o rei usurpador, de família ilegítima, mandou MATAR todos os primogênitos, forçando os pais do menino salvador a fugir com ele.

Foi criado de forma aparentemente humilde, mas dava mostras de sua sabedoria. Deixava escapar também traços de erudição que indicavam educação primorosa (talvez patrocinada pelos que apoiavam a família real, que tentava voltar ao trono).

Após uma infância pouco documentada, deu algumas mostras de seu poder na adolescência.

Após mais algum tempo, em idade adulta jovem, revelou-se como presença divina. Sua presença coincide com uma época de grandes conflitos. Durante esta fase de ocupação de suas terras e tentativas de revolução, faz questão de deixar claro que precisamos separar o que é de Deus, notando que o impermanente não é deste mundo.

Quebra paradigmas, ensina morais estranhas, faz questão de que cada um cumpra o que é seu papel. Ensina, literalmente, que ELE é o CAMINHO até o Pai ⁽⁹⁰⁾. Que é necessário fazer os trabalhos, mas que podemos ofertar a Ele ⁽⁹¹⁾. Unirmo-nos a ele, que é Caminho, que é Verdade.

Não porque ele seja egoico, mas porque ele está ligado com o Criador.

Com o seu exemplo de amor, e o sacrifício que simboliza sua encarnação, nos ensina que é difícil, para nós, nos ligarmos com o intangível; mas que já dá para nos ligarmos com um salvador conhecido. Como ele é ligado a Deus, ligando-nos a ele pegamos “carona”...

Acaba sendo morto ainda jovem, de forma trágica ⁽⁹²⁾, pouco depois de sua revelação como Presença Divina.

Não escreve nada, mas alguns registram parte da sua vida, especialmente as próximas da morte, onde despeja toda a sua sabedoria. Os trechos registrados são pequenos ⁽⁹³⁾, mas capazes de mudar por milênios a nossa noção religiosa de causa e consequência, trazendo nova luz sobre a natureza do espírito e sua sobrevivência ao corpo.

Os poucos capítulos sobre sua vida em presença divina são inseridos como parte das escrituras sagradas de seu país, e são traduzidos para praticamente todas as línguas do mundo ⁽⁹⁴⁾.

O novo livro, com o relato da vida do Deus Vivo, é mais popular e citado, individualmente, do que a própria obra religiosa maior que o contém.

Antes de morrer, deixa claro que irá voltar,

no futuro ⁽⁹⁵⁾. Fazem religião em Seu Nome, mas Ele mesmo nunca foi adepto destes preceitos religiosos, até porque nunca fundou religião alguma, nunca foi moralista, nunca foi de trocar sabedoria por rituais e não podia frequentar o que só fizeram depois Dele...

Conhecem esta história?

Esta é a história de Krishna, que viveu em 3000 A.C., na Índia.

Somos Todos Um Só!

São Paulo, 13 de maio de 2004. ⁽⁹⁶⁾

É deveras desconcertante a relação dessa história com o que dizem ter acontecido com Jesus; só com o importante detalhe de que a acima transcrita foi contada muito antes da que se narra sobre ele.

Entendemos que algumas pessoas devem reformular o conceito que têm de moral, pois achar que a moral do homem está relacionada a seu órgão sexual é desvirtuar totalmente o significado dessa palavra.

Ainda vamos mais longe; achamos que devemos passar todos os conceitos teológicos do passado por uma ampla revisão, já que muitos deles

estão impregnados de prepotência e de um egoísmo eclesiástico incomum, pelos quais verdades foram dobradas às conveniências religiosas, visando, a todo o custo, dominar a mente dos fiéis; quiçá era desejo dominar toda a humanidade... Intolerância, guerras, cruzadas, inquisição, etc. foram as armas utilizadas pelos religiosos do passado, apoiados pelos teólogos, para impor, a ferro e fogo, suas teorias completamente distorcidas dos ensinamentos de Jesus.

Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada**, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- A Bíblia Tradução Ecumênica - TEB**, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.
- Bíblia de Jerusalém**, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino**, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada BKJ 1611**. Niterói, 2020.
- Bíblia Sagrada**, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada**, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.
- Bíblia Sagrada**, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada**, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada**, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada**, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.
- Bíblia Sagrada**, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada**, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada**, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada**, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Shedd**, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.

- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das.**
Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
- Novo Testamento**, s/d, São Paulo: Loyola, 1982.
- ARMSTRONG, K. **A Bíblia: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BARRERA, J. T. **A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BRENNAN, J. H. **Vozes do Mundo Espiritual: A História Secreta do Contato com Espíritos Através dos Tempos**. São Paulo: Pensamento, 2016.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 2**. São Paulo: Hagnos, 2005.
- CARPENTER, E. **Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados**. São Paulo: Tahyu, 2008.
- HARPUR, T. **O Cristo dos Pagãos**. São Paulo: Pensamento, 2008.
- HARRIS, S. **A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- KÜNG, H. **Credo: a Profissão de Fé Apostólica Explicada ao Homem Contemporâneo**. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1997.
- LENTSMAN, J. A. **A Origem do Cristianismo**. São Paulo: Fulgor, 1963.
- LEWIS, H. S. **A Vida Mística de Jesus**. Curitiba: AMORC, 2001.
- MIRANDA, H. C. **Cristianismo: a Mensagem Esquecida**. Matão (SP): O Clarim, 1988.
- MONLOUBOU, L. e DU BUIT, F. M., **Dicionário Bíblico Universal**, Petrópolis - RJ: Vozes; Aparecida - SP: Santuário, 1996.

- ORSI, C. **O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Vol. 1**. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.
- RODRÍGUEZ, P. **Mentiras Fundamentais da Igreja Católica: Como a Bíblia Foi Manipulada**. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- TABOR, J. D. **A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- TRICCA, M. H. O. **Apócrifos I- Os Proscritos da Bíblia**. São Paulo: Mercury, 1995a.
- TRICCA, M. H. O. **Apócrifos II - Os Proscritos da Bíblia**. São Paulo: Mercury, 1995b.
- VERMES, G. **Natividade**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Internet

- DANNEMANN, F. K. *Autoria da frase "A emenda saiu pior que o soneto"*, disponível em: <http://fernandod.com.br/press.php?texto=793>, Acesso em: 06 jun. 2022.
- FREIRE, *Conhecem Essa História?*, disponível em http://www.voadores.com.br/site/geral.php?txt_funcao=colunas&view=4&id=91. Acesso em: 13 dez. 2017.
- LEITURAS ESPIRITUAIS, *Catecismo da Igreja Católica*. (PDF), LE Livros, 2021, disponível em: <https://leiturasespirituais.com.br/catolicas/catecismo-da-igreja-catolica-pdf/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Jesus Teve Irmãos ou Não?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/jesus-teve-irmaos-ou-nao-ebook>. Acesso em: 04 jan. 2025.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.

Imagem

Capa: *Maria de Nazaré grávida*, disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/01/ca/f9/01caf9f7f889340ffdb0e9f92c9c9b6e.jpg>. Acesso em: 01 jun. 2022.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em*

Kardec?; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?*; 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta*; 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?*; 11) *A Mulher na Bíblia*; 12) *Todos Nós Somos Médiuns?*; 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas*; 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito*; 15) *O Fim dos Tempos Está Próximo?*; 16) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves*; 17) *Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?*; 18) *A Aura e os Chakras no Espiritismo*; 19) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?*; 20) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida*; 21) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 22) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 23) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma*; 24) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina*; 25) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução*; 26) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas*; 27) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 28) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 29) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; e 30) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?*, link: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores-ebook>
- 2 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Profetas Previram Episódios da Vida de Jesus?*, link: <https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>
- 3 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*, p. 100-101.
- 4 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*, p. 103.
- 5 KÜNG, *Credo: a Profissão de Fé Apostólica Explicada ao Homem Contemporâneo*, p. 56.
- 6 CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 108.
- 7 CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 35-36.
- 8 LEWIS, *A Vida Mística de Jesus*, p. 74-76.
- 9 BRENNAN, *Vozes do Mundo Espiritual: a História Secreta do Contato com Espíritos Através dos Tempos*, p. 110.
- 10 N.T.: Essa é a chamada visão elvídica, em homenagem a Elvídio, um escritor cristão do século IV, que Jerônimo procura refutar. Eusébio, o historiador da igreja do século IV, cita regularmente fontes antigas e refere-se a irmãos de Jesus “segundo a carne”, certamente concebendo-os como filhos de Maria e José. Consulte Eusébio, *Church History* 2.23;3.19.
- 11 TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 90.
- 12 N.T.: *Catecismo da Igreja Católica*, 1993, item 496.
- 13 ORSI, *O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião*, p. 35.
- 14 N.T.: Cf. DS 10-64.

- 15 N.T.: Concílio de Latrão (ano 649), Canon 3: DS 503.
- 16 LEITURAS ESPIRITUAIS, *Catecismo da Igreja Católica*, p. 166.
- 17 N.T.: *Catecismo da Igreja Católica*, 1993, item 499.
- 18 N.T.: Vaticano, 2002.
- 19 ORSI, *O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião*, p. 36.
- 20 N.T.: II Concílio de Constantinopla, Sess. 8ª Canon 6: DS 427.
- 21 N.T.: Cf. São Leão Magno, *Tomus ad Flavianum*: DS 291; *Ibid.*: DS 294; Pelágio I, *Ep. Humani generis*: DS 442; Concílio e Latrão, Canon 3: DS 503; XVI Concílio de Toledo, *Symbolum*: DS 571; Paulo IV, Const. *Cum quorundam hominum*: DS 1880.
- 22 N.T.: II Concílio do Vaticano, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 57: AAS 57 (1965) 61.
- 23 N.T.: II Concílio do Vaticano, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 52: AAS 57 (1965) 58.
- 24 LEITURAS ESPIRITUAIS, *Catecismo da Igreja Católica*, p. 167.
- 25 ORSI, *O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião*, p. 41.
- 26 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho* - Vol. 1, p. 55.
- 27 ORSI, *O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião*, p. 38-39.
- 28 Mateus 12,46-47; 13,55; Marcos 3,31; Lucas 8,19-20; João 2,12 e 7,5.
- 29 SILVA NETO SOBRINHO, *Jesus Teve Irmãos ou Não?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/jesus-teve-irmaos-ou-nao-ebook>
- 30 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* - vol. 2, p. 13-14.

- 31 TRICCA, *Apócrifos I- Os Proscritos da Bíblia*, p. 197.
- 32 TRICCA, *Apócrifos II - Os Proscritos da Bíblia*, p. 176.
- 33 TRICCA, *Apócrifos II - Os Proscritos da Bíblia*, p. 182.
- 34 *Bíblia Paulinas*, 1957, p. 1178.
- 35 DANNEMANN, Autoria da frase “*A emenda saiu pior que o soneto*”, disponível em:
<http://fernandod.com.br/press.php?texto=793>
- 36 *Bíblia Sagrada Pastoral*, p. 954-955.
- 37 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1704, nota “f”.
- 38 Mateus 1,23, *Bíblia de Jerusalém*, p. 1704.
- 39 *Dicionário Bíblico Universal*, p. 226.
- 40 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1265.
- 41 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 369.
- 42 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 397-398.
- 43 Nota da transcrição (N.T.): “Três coisas me espantam e há uma quarta que não alcanço: o rasto da águia nos ares, o rasto da serpente sobre a rocha, o rasto do navio no meio do mar e o rasto do homem na moçoila” (Prov 30,18-19).
- 44 N.T.: “Setenta são as rainhas, oitenta as concubinas, e inúmeras as moçoilas” (Cant 6,8).
- 45 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*, p. 131.
- 46 LENTSMAN, *A Origem do Cristianismo*, p. 175.
- 47 N.T.: Todas as traduções da Bíblia foram feitas por mim, exceto se indicado de outra forma. Empreguei itálico para enfatizar determinadas partes.
- 48 TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 60.

- 49 N.T.: Isaías 7:14. Essa é uma tradução literal do versículo, não segue a versão tradicional da Bíblia de Jerusalém.
- 50 N.T.: Isaías 9:1.
- 51 N.T.: Isaías 9:5-7.
- 52 ARMSTRONG, *A Bíblia: Uma Biografia*, p. 25.
- 53 N.T.: Ver B. M. Metzger e M. D. Coogan (eds), *The Oxford companion to the Bible* (Oxford: Oxford Univ. Press, 1993), pp. 789-90, e A. N. Wilson, *Jesus: A live* (Nova York: W. W. Norton, 1992), p. 79. Já foram observados muitos outros pares de citações entre o Velho e o Novo Testamentos que não sustentam: Mat 2,3-5 e Miq. 5,2; Mat. 2,16-18 e Jer. 31,15/Gên. 35,19; Mat. 8,18 e Isa. 53,4; Mat. 12,18 e Isa. 42,1-4; Mat. 13,53 e Sal. 78,2; Mat. 21,5 e Zac. 9,9/Isa.62,11. Mat. 27,9-10 afirma cumprir uma profecia que atribui erroneamente a Jeremias, quando, na realidade, aparece em Zacarias 11,12 – eis aí mais evidências de que “A Bíblia não erra”.
- 54 N.T.: Era considerável o estigma ligado à ilegitimidade entre os judeus no século I d.C. Ver S. Mitchell, *The gospel according to Jesus* (Nova York: HarperCollins, 1991).
- 55 N.T.: Ver *ibid.*, p. 78, e J. Pelikan, *Jesus through the centuries* (Nova York: Haper and Row, 1987), p. 80.
- 56 HARRIS, *A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Fação*, p. 109.
- 57 N.T.: *Bíblia Sagrada*, op. cit., p. 1346.
- 58 N.T.: *Ibidem*, p. 1018.
- 59 N.T.: Cf. Asimov, 1981; também Helms, 1988.
- 60 N.T.: Callahan, 2002.
- 61 ORSI, *O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião*, p. 42-43.
- 62 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho* – Vol. 1, p. 55.
- 63 HARPUR, *O Cristo dos Pagãos*, p. 51.

- 64 N.T.: Na inscrição de Naqsh i Rustam, do tempo de Dario I, é afirmado que “Ahura-Mazda é um grande deus. Criou esta terra. Criou o céu. Criou o homem. Criou a felicidade do homem. Fez de Dario um rei”.
- 65 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*, p. 105.
- 66 VERMES, *Natividade*, p. 74-79.
- 67 TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 76.
- 68 N.T.: Tertuliano, *De Spectaculis* 30.
- 69 N.T.: *Book of the Resurrection of Christ by Bartholomew the Apostle* 1.6-7.
- 70 TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 250-251.
- 71 KÜNG, *Credo: a Profissão de Fé Apostólica Explicada ao Homem Contemporâneo*, p. 57.
- 72 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*, p. 98.
- 73 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*, p. 98.
- 74 Publicações dos anos: 1957, 1977 e 1980.
- 75 *Bíblia Barsa*, p. 2 - NT.
- 76 *Bíblia Sagrada - Paulinas 1980*, p. 1061.
- 77 *Bíblia Sagrada - Paulinas 1980*, p. 1121.
- 78 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1704.
- 79 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1787.
- 80 KÜNG, *Credo: a Profissão de Fé Apostólica Explicada ao Homem Contemporâneo*, p. 73.
- 81 N.T.: “The Protoevangelium of James”, cap. 20, [s.d.].
- 82 ORSI, *O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião*, p. 44.

- 83 MIRANDA, *Cristianismo: a Mensagem Esquecida*, p. 73-74.
- 84 N.T.: Bharata, a descendência que se fundia com a própria Índia, e que dava caráter de etnia e identidade cultural. A própria Índia era chamada de Maha-Bharata, ou Grande Bharata: a GRANDE família.
- 85 N.T.: A separação entre estado e religião é recente. Na história, a lei de Deus era a justiça humana. O sacerdote era o juiz. O rei, César, Papa ou Faraó era sempre (no mínimo) representante de Deus. Vide reis judaicos (David, Salomão), Aiatolás do Irã, presidentes fundamentalistas árabes, etc. Texto sagrado é o código civil e penal, pois o poder é sempre exercido em nome de Deus. Logo, esperar um rei religioso era esperar um líder político também.
- 86 N.T.: Avatar: Emissário celeste; Canal da divindade.
- 87 N.T.: Vishnu: equivalente ao Filho para os cristãos, à Ísis para os egípcios, ou ao Fixo para os astrólogos. Amor, conservação e manutenção do que foi criado.
- 88 N.T.: Brahman, com N, o Deus não personificado, a soma de todos os deuses e criaturas. O Supremo, o Tao, o Todo, O Grande Arquiteto Do Universo.
- 89 N.T.: Brahman se divide em três aspectos (tal manifestação fenomênica é conhecida com o nome de Trimurti): Brahma (O Criador), Vishnu Narayana (O Mantenedor), e Shiva Nataraja (O Transformador). O segundo aspecto reencarna de tempos em tempos, para trazer a luz celeste entre os homens.
- 90 N.T.: Deus.
- 91 N.T.: Ensinamentos do Baghavad Gita, onde Krishna fala sempre em “ofertar A Mim”, “Eu Sou o Caminho”, “Faz em Meu Nome”.
- 92 N.T.: Krishna morre flechado, após ensinar sobre Carma e Dharma a Arjuna, [por] um arqueiro.
- 93 N.T.: As lições estão registradas no Baghavad Gita.

- 94 N.T.: O Bhagavad Gita é um dos livros que compõe o épico sagrado MAHA-BHARATA.
- 95 N.T.: Krishna foi a oitava encarnação de Vishnu. Rama teria sido a sétima. Há controvérsias quanto a nona encarnação (Buda, Jesus, Chaytania ou Paramahamsa Ramakrishna). Espera-se uma décima encarnação, conhecida esotericamente como Kalki, muito embora algumas correntes tenham seus fortes indícios para achar que já tenha vindo, e outros prefiram achar que Kalki será uma onda, e não mais uma “pessoa”.
- 96 FREIRE, *Conhecem Essa História?*, disponível em http://www.voadores.com.br/site/geral.php?txt_funcao=colunas&view=4&id=91